ESCOLA DE VELA

BARRA LIMPA

CLUBE DOS JANGADEIROS

45 ANOS

ESCOLA DE VELA

BARRA LIMPA

CLUBE DOS JANGADEIROS

Nasceu de uma saudade...

e vai viver para a formacao de novos valores do

ESPORTE DA VELA

Clube dos Jangadeiros

lugar de paz

confraternização

BELEZA

ESCOLA DE VELA **BARRA LIMPA**

Em dezembro de 2020, nossa Escola de Vela Barra Limpa completou 45 anos de atividade ininterrupta, formando novos esportistas que elegeram a vela como seu esporte predileto. Quase meio século! Há uma história a contar, relembrando e celebrando o que tem sido o trabalho desenvolvido ao longo desse tempo.

É preciso, realmente, celebrar porque a contribuição da Escola de Vela Barra Limpa à vida do Clube dos Jangadeiros, através desses anos, é magnífica, fazendo com que mais e mais pessoas estejam a praticar a vela, finalidade para a qual o clube foi fundado em 1941.

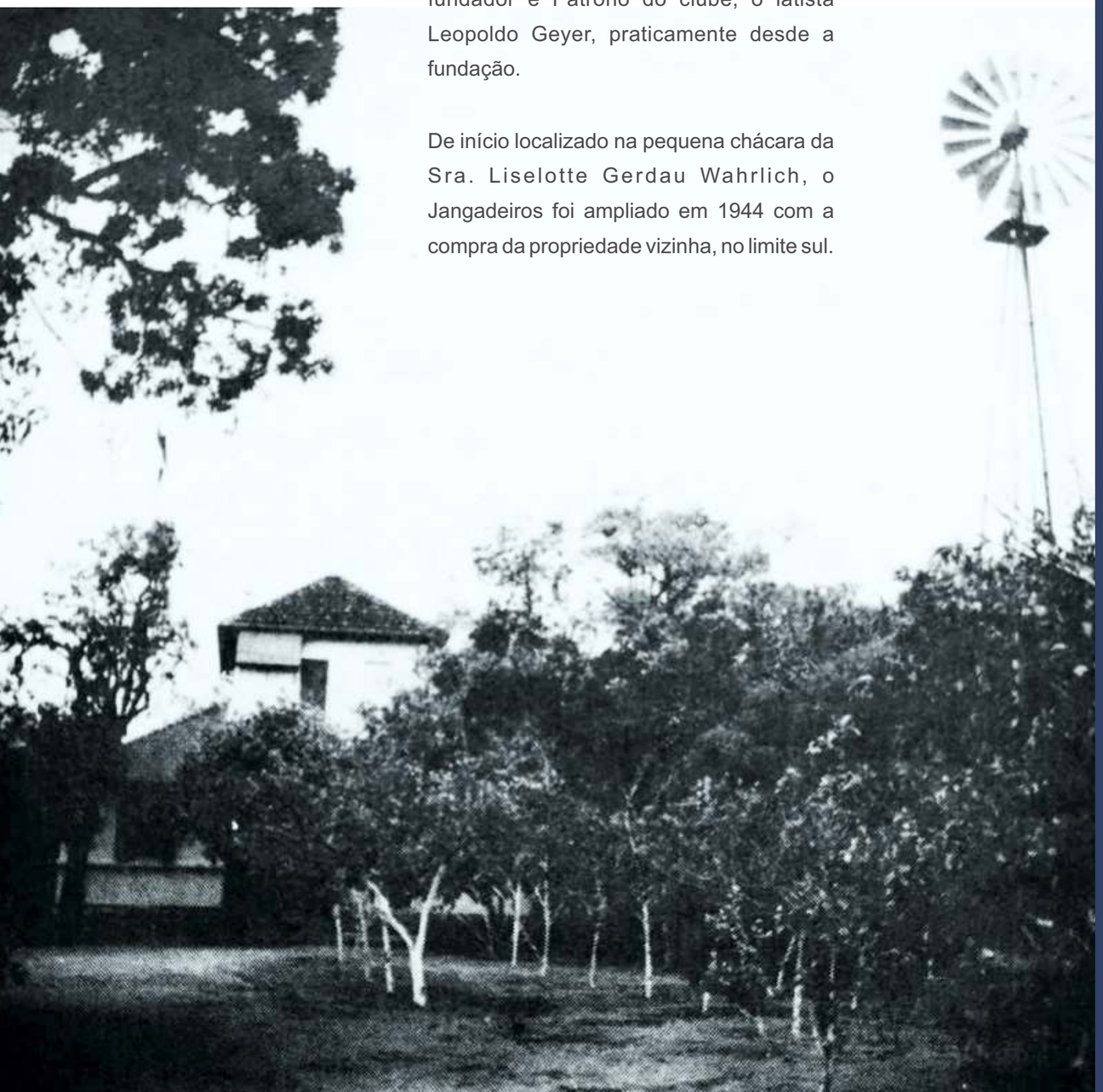
Para melhor falar sobre a Escola é necessário descrever o contexto extraordinário em que foi idealizada e implantada, num retorno ao período em que a Ilha dos Jangadeiros deixou de ser apenas um sonho que parecia impossível para tornar-se este lugar de paz, beleza e confraternização que encanta não só os associados, mas também os inúmeros visitantes.

ÉPOCA DE

expansão e conquistas

A Ilha dos Jangadeiros, onde está situada a Escola de Vela Barra Limpa, muito cedo começou a delinear-se na imaginação do fundador e Patrono do clube, o iatista Leopoldo Geyer, praticamente desde a fundação.

De início localizado na pequena chácara da Sra. Liselotte Gerdau Wahrlich, o Jangadeiros foi ampliado em 1944 com a compra da propriedade vizinha, no limite sul.



ousadias inimagináveis

Assim permaneceu até o início dos anos 50, quando os jovens velejadores do clube, originários do grupo dos Filhotes igualmente criado por Leopoldo Geyer, começaram a aparecer com destaque e ter sucesso em campeonatos estaduais e nacionais das classes Sharpie 12m, Pinguim e Snipe, conquistando vários títulos.

O ponto culminante dessa fase tão rica da existência do Clube dos Jangadeiros foi a realização, muito bem sucedida, do **Campeonato Mundial da Classe Snipe de 1959**, que se pode definir como uma façanha, quase um atrevimento, para um clube ainda tão jovem e tão modesto.

Daí por diante, valia não só sonhar com algo maior, mas partir para ousadias quase inimagináveis como seria a construção da ilha idealizada por Leopoldo Geyer uns 15 anos antes.

Em 1965, durante a Comodoria de Edmundo Fróes Soares, já estava em plena atividade a Comissão de Construção da Ilha dos Jangadeiros sob a liderança de Geraldo Tollens Linck, que fora Comodoro no biênio 1960/1962 e que deu os primeiros passos para que a ilha viesse a tornar-se uma realidade. O planejamento começou a tomar vulto e, desde logo, foi apontada a necessidade de criar-se ali uma escola de vela com o objetivo de difundir o esporte e formar velejadores.

Leopoldo Geyer

POUCA GENTE PERCEBEU A

manobra

O Comodoro Edmundo Soares relatava uma reunião com o Departamento Estadual de Esportes em que foram feitas referências elogiosas à cerimônia realizada no clube, por ocasião da data alusiva à Batalha Naval de Riachuelo, quando foi inaugurado o busto em bronze do Almirante Tamandaré sobre os molhes da ilha.

Na verdade, havia ali somente o início de um molhe e, no dia da festa, esse busto (que está hoje junto ao canhão colocado próximo a Escola de Vela Barra Limpa), assentado com cimento sobre as poucas pedras da parte que emergia, estava coberto com a bandeira nacional e aguardava o momento da inauguração.

Autoridades, convidados e associados já se encontravam no trapiche, esperando as lanchas que os conduziriam ao local, pois não havia ainda ligação por terra.

Entre eles, o Capitão do Porto que, discretamente, informou ao Comodoro que a bandeira nacional não podia ser usada em cerimônias como essa.

Então, foi cena rápida: alguém se postou à frente do busto, cobrindo-o com a bandeira do clube enquanto outra pessoa, por trás, ia retirando o pavilhão nacional, escamoteando-o na parte oca existente atrás do bronze. Pouca gente percebeu a manobra.

Depois disso, por meses e por anos sócios e funcionários, ombro a ombro, empenharam-se na construção da ilha, carregando e descarregando batelões das pedras que fizeram o enrocamento.

Em 21 de dezembro de 1970, a Diretoria do clube (José Carlos Bohrer era o Comodoro) fez a entrega do planejamento da escola de vela a ser implantada na ilha ao Sr. Eric Tinoco Marques, Diretor do Departamento de Educação Física e Esportes do Ministério de Educação.

O trabalho fora elaborado por uma comissão coordenada por Edmundo Soares e integrada por Cláudio Alberto Franke Aydos, Luiz Osório Aguillar Chagas e Marco Aurélio Paradeda.

enrocamento

Dizia na sua introdução:

“O Clube dos Jangadeiros atualmente encontra-se com seu setor de vela em pleno desenvolvimento. Navegando especialmente nas classes internacionais Pinguim, Snipe e Finn, seus velejadores estão em atividade constante, participando das regatas promovidas pela Federação de Vela e Motor do Rio Grande do Sul (atual Federação de Vela do Estado do Rio Grande do Sul/FEVERS), à qual o Clube é filiado desde sua fundação, e igualmente de regatas nacionais e internacionais destas classes.

Possui atualmente o Clube dos Jangadeiros uma flotilha de regatas composta de aproximadamente 50 barcos, distribuídos entre as três classes citadas acima. O Clube, que ocupa área própria no bairro da Tristeza, situada a 12 quilômetros do centro de Porto Alegre, à beira do Rio Guaíba, possui instalações completas para a prática do iatismo com pavilhões capazes de abrigar cerca de 250 barcos, mais rampa, sala de velas, ponte com 120m, secretaria náutica, alojamento esportivo, local para pinturas e reparações de embarcações, além de ter ao largo da sua sede, fixada, uma raia olímpica em moldes internacionais, que permite a realização de regatas sem necessidade de colocação de marcas de percurso a cada competição.

O plano de expansão do Clube dos Jangadeiros, em pleno andamento, estabelece a construção da Ilha dos Jangadeiros, área que permitirá a ampliação sensível da parte física do Clube, possibilitando, além do mais, o surgimento de um ancoradouro para 200 embarcações de maior porte, o que permitirá ao Jangadeiros o ingresso imediato na vela de Cruzeiro e de Oceano, como é o caso da Regata Buenos Aires - Rio. Já possui o Clube em seu quadro social associados com barcos de grande porte os quais, todavia, ainda não podem trazê-los para o Clube, por falta de um píer seguro, o que será conseguido com a conclusão das obras da Ilha dos Jangadeiros.

O projeto da Ilha dos Jangadeiros, cuidadosamente estudado nos seus mínimos detalhes, tem recebido integral colaboração por parte dos órgãos públicos em geral, sendo de ser salientado que no levantamento da área houve a colaboração da Marinha do Brasil e nos trabalhos de enrocamento e aterro há a colaboração do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (Federal) e Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais, além de outros organismos. A parte do enrocamento propriamente dito está praticamente ultimada, com mais de 10.000 metros de pedra já colocados e igualmente a parte do aterro já está 50% concluída, o que permitirá em seguida o início de construções na área recuperada ao rio.

Partindo do que foi exposto acima, o Clube dos Jangadeiros, através de seu Departamento de Vela, concluiu de forma inequívoca pela necessidade imperiosa e imediata da criação de uma Escola de Vela em bases modernas e condizentes com o desenvolvimento atual da vela brasileira.

Esta escola, funcionando tal como as existentes em diversos países, teria condições integrais para permitir que qualquer pessoa, e especialmente a juventude, tivesse ali um aprendizado rápido e perfeito, colaborando assim para a formação contínua de novos elementos dedicados ao esporte da vela, o que, deve-se assinalar, teria importância bastante sensível na formação de uma mentalidade náutica no Brasil, coisa que um País como o nosso, com uma colossal extensão de costa e com uma gigante rede fluvial e lacustre, muito precisa.

A Escola de Vela do Clube dos Jangadeiros funcionaria em prédio especialmente construído para tal e teria seus próprios barcos e todo o material necessário ao aprendizado, propriamente dito, incluindo aqueles destinados à educação física específica ao esporte”.

O anteprojeto do prédio da escola, ainda em estudos, bem como a relação dos materiais necessários foram anexados, bem como fotografias de atividades com a vela juvenil do Clube.

trágico acontecimento

Poucos meses depois, o Clube dos Jangadeiros e toda a comunidade veleira foram abalados com a notícia do falecimento, em acidente de automóvel, do iatista **Walter Fayet Hunsche** - o **Barra Limpa**, 19 anos, atleta laureado e velejador da classe Pinguim, que poucas horas antes havia recebido o seu troféu de Campeão Brasileiro de Pinguim ao lado de seu timoneiro, José Adolfo Paradeda.

Decorrido algum tempo desse triste acontecimento, Walter Hunsche, que era um dos jovens mais estimados na sua turma, seria transformado em um símbolo, quando seus pais, Werner e Alicie Hunsche, procuraram o então Comodoro Edgar Willy Siegmann, informando que

> **desejavam fazer algo para o Clube, que correspondesse àquilo que no seu entender, o Clube fez a favor de seu filho.**

Siegmann, grande lutador pelo desporto da vela, aventou que a necessidade mais premente seria uma sede para a escola de vela. Werner Hunsche não vacilou:

- A escola de vela sou eu quem vai construir.”

(Trecho de reportagem de Edmundo Soares no jornal Folha da Tarde, da Empresa Jornalística Caldas Junior, de 8 de maio de 1976, quando a Escola já estava em pleno funcionamento).

E segue a matéria do jornal: “Seu genro, Jorge Ruhl, viajou para a Europa e lá visitou os clubes mais modernos de Vela, as escolas mais atualizadas, estudando e elaborando o projeto”.

Por carta dirigida ao Sr. Werner Hunsche, o arquiteto Jorge Ruhl descreveu sua visita a Kiel e Glücksburg e, nesta cidade, uma escola mereceu sua atenção por toda a estrutura que oferecia para a prática da vela: possuía alojamento para 22 professores, quartos com 2 camas e pias, banheiro central com 2 duchas, 2 WC e 4 pias; salas de aula espaçosas para 24 alunos e ainda alojamento para alunos em 3 prédios, cada um para 36 alunos, e várias outras acomodações, como depósito para malas, uma peça bem ventilada para secar roupas e utensílios molhados e dependências para a administração. Era, sem dúvida, uma escola exemplar, que forneceu muitas ideias ao arquiteto para o projeto da futura Escola de Vela Barra Limpa.

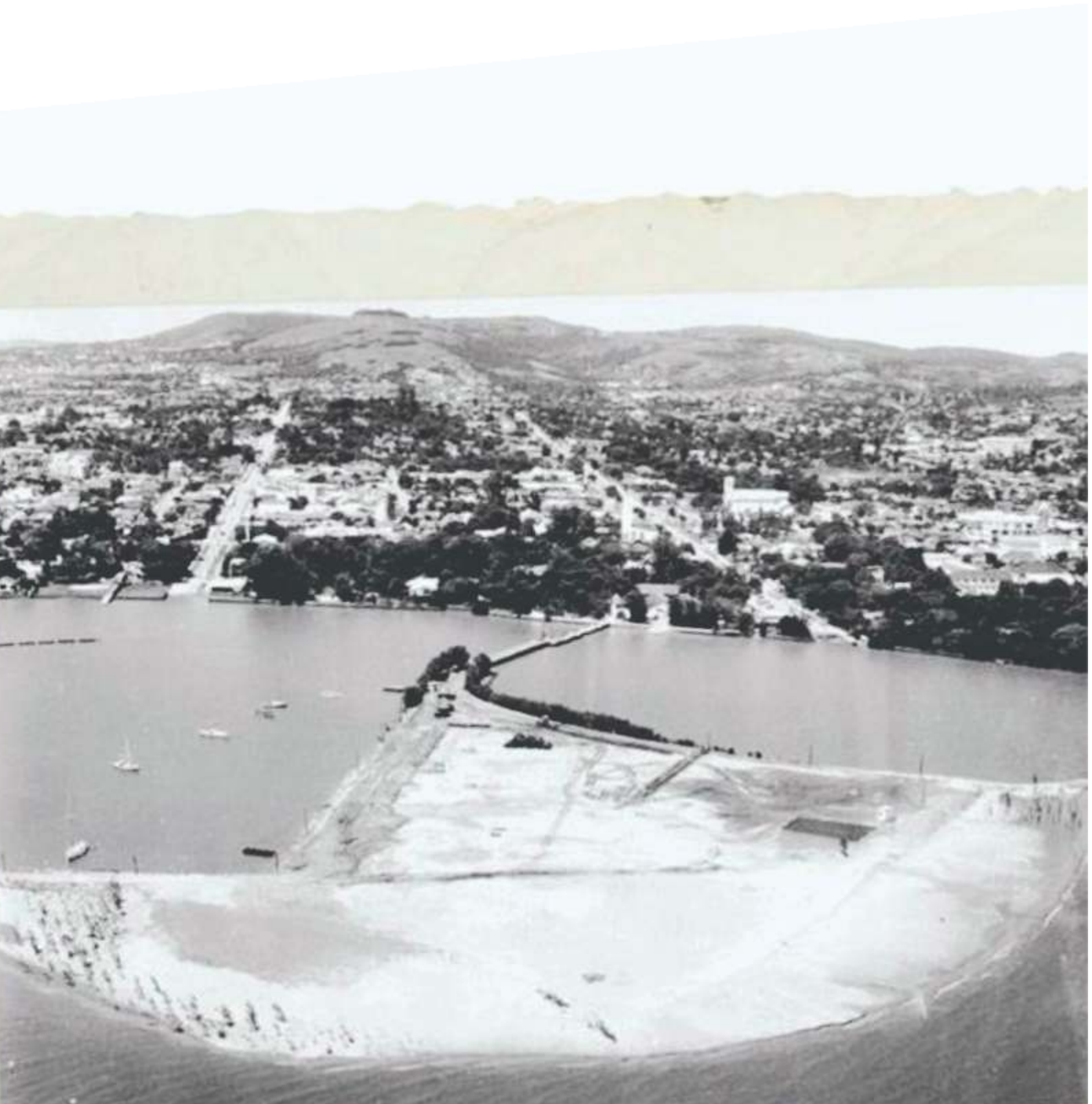
Em março de 1972, Jorge Ruhl já tinha vários estudos e, em carta ao Comodoro Edgar W.Siegmann, ele falava no plano da ilha,

“Essa nova planta, que recebi do Werner em Amsterdam, me agradou bastante quanto à nova situação da escola, poderíamos integrá-la visualmente um pouco mais em relação à sede social - deslocar a escola alguns metros p/oeste já resolveria”.

Ele comentava, nessa carta, que gostaria de receber um pequeno relatório com as decisões da direção do clube e do Sr. Werner em relação a dúvidas que surgissem e que posteriormente apresentaria

um projeto já mais definitivo, para então podermos seguir a todo vapor, apesar de os barcos serem a vela”.

Enquanto isso, havia muito trabalho no Clube dos Jangadeiros. Uma reunião, em 12 de fevereiro de 1972, foi feita para tratar da preparação do terreno onde seria edificada a escola. Determinou-se a aceleração do aterro e compactação da ilha para que na data do primeiro aniversário de falecimento do Barra Limpa pudesse ser lançada a pedra fundamental. Foi decidido, também, que o local ideal seria próximo à rampa de acesso da baía interna, na face leste da ilha, numa área de 400 metros quadrados.



Assim, em cerimônia realizada em primeiro de março, exatamente como havia sido programado, foi feito o lançamento da pedra fundamental, como bem lembra Cláudio Alberto Franke Aydos, pessoa que vem acompanhando muito de perto e com ativa participação a vida do Clube dos Jangadeiros desde a fundação:

“Quando o casal Hunsche decidiu fazer a doação, nossa ilha estava naquela fase em que aparecia somente no verão, pois no inverno, devido à cheia do rio, ela submergia, deixando à vista somente aquela elevação, que foi o local escolhido para a construção da escola, que foi a primeira obra a ser construída na ilha, e coube a mim a honrosa tarefa de administrar sua construção.

Dada a importância da obra, o Comodoro Edgar Siegmann preparou com toda a pompa o lançamento da Pedra Fundamental da Escola, na qual foi colocado um cilindro de cobre devidamente soldado, contendo jornais do dia, moedas, cópias dos discursos proferidos na ocasião e, se não me engano, uma cópia do Termo de Doação da escola.

Nesse dia, devido às chuvas da véspera, partes do caminho até o local da futura obra estavam um verdadeiro lamaçal. Foi necessário improvisar, com tábuas, uma espécie de passarela para as pessoas chegarem 'a seco' ao local da cerimônia”.

A construção do prédio iniciou-se em seguida e passados pouco mais de dois anos estava sendo inaugurada a escola como uma das mais completas instituições do país.

Dias antes da inauguração da escola, foi necessário organizar um mutirão para fazer a faxina da obra, limpeza de vidros, peitoris, pisos etc, pois naquela época o clube não dispunha do “staff” de faxineiras que tem hoje.

Então, 'quem botou a mão na massa' foram as esposas dos membros da Diretoria, além de outras senhoras entusiasmadas com o projeto, dentre as quais devo destacar Anne Siegmann, Pupi Schüler, Guisela Nehm, Loni Chagas, Helga Piccolo, Lucy Aydos e Sônia Szabo.

Peço desculpas
se esqueci algum
nome, pois afinal
já fazem 45 anos.

Como lembra Cláudio Aydos

“próximo ao final da construção, D. Alicie encomendou ao renomado escultor Vasco Prado a escultura mural que fica junto à porta da escola, representando com aquele sol e aquela figura humana os sonhos e a alegria da juventude”.

forte emoção

A Cerimônia de Inauguração da Escola de Vela Barra Limpa foi um dos grandes eventos do nosso Jangadeiros, uma festa inesquecível, recheada de momentos de forte emoção e também muita alegria".

Em matéria publicada na edição de janeiro de 1976 do boletim informativo "A Jangada", estava assim noticiado o grande acontecimento:

"Foi no dia 13 de dezembro de 1975. O dia surgiu límpido, com sol brilhante. Às dez horas e trinta minutos, com a participação de autoridades civis, militares e eclesiásticas, representantes do Corpo Consular, velejadores, sócios e convidados, deu-se início à cerimônia que veio a constituir-se num ato ao mesmo tempo comovente e cheio de alegria pela homenagem, sobretudo, à memória do Barra Limpa que tantas recordações deixou.

A Escola de Vela **Barra Limpa** recebida pelo Clube Jangadeiros como doação do Casal Werner Hunsche, é a **primeira escola de vela do Brasil, com prédio próprio.**

Ilustração do convite para a inauguração da EVBL

Edmundo Soares, Vice-comodoro Esportivo, convidou para abrir a solenidade, hasteando as bandeiras do Brasil, do Estado do Rio Grande do Sul e do Clube dos Jangadeiros, respectivamente:

Srs. Cel. Itaboraí Barcellos	Chefe da Casa Militar do Governo do Estado, representando o Governador
Jorge Englert	Secretário Municipal de Viação e Obras Públicas
Artur Zanella	Secretário Municipal de Indústria e Comércio, representou o Prefeito Municipal
Eduardo da Silva Nunes	Delegado da Capitania do Porto de Porto Alegre, Capitão de Fragata

Ao som do Hino Nacional, tocado pela Banda da Brigada Militar sob um sol esplendoroso e uma brisa forte, as bandeiras foram aladas, ficando a tremular contra o céu azul.

Com palavras simples, Edgar Siegmann dirigiu-se aos presentes, agradecendo ao casal Hunsche a doação da escola, ressaltando a importância do fato, do benefício que trará e da influência que terá na formação de muitos outros Barras Limpas.

Uma revoada de pombos durante o toque de silêncio em memória de Walter Fayet Hunsche, comandado pelo Cap. Eduardo da Silva Nunes, espalhou uma nota de beleza sobre a tocante cerimônia. Com palavras repassadas de saudade e carinho, o Sr. Werner Hunsche fez a entrega da escola ao clube, procedendo-se à bênção pelo Rev. Pastor E. G. Gliesch.

Mais uma nota colorida nesta cerimônia de características tão juvenis foi a chegada da Flotilha de Optimist do Veleiros do Sul. Ao receber das mãos de três crianças um ramo de flores, a Sra. Alicie Fayet Hunsche foi convidada, juntamente com o Sr. Rudy Auler, Diretor do DED/SEC e representante da Secretaria de Educação, a desatar a fita que guardava a porta de entrada da escola.

A visita dos presentes ao prédio revelou uma escola aberta à luz e ao ar, uma agradável sala de estar, recanto para refeições, cozinha, salas de aula, oficina náutica e uma interessante escada de marinheiro levando ao alojamento. Encerrando a solenidade, foi servido um coquetel".

A professora Helga Landgraf Piccolo, primeira Diretora da Escola de Vela Barra Limpa/EVBL, nomeada meses antes pelo Comodoro Edgar Siegmann, assim se manifestou:

"Um sonho, há tanto tempo acalentado, tornou-se realidade: foi inaugurada, a 13 de dezembro, numa solenidade ao mesmo tempo emotiva e festiva, a Escola de Vela Barra Limpa.

Decantado foi, e muito, o seu pioneirismo. Mas pioneirismo é como faca de dois gumes: de um lado o justo orgulho que ele proporciona, mas, de outro, a responsabilidade que traz. E dessa responsabilidade não fugiremos, procurando corresponder a essa confiança em nós depositada.

Não seja a Escola a evocação de algo triste, trágico mesmo. Projetemos para o futuro, pensando no que ela pode proporcionar à nossa juventude às vezes insegura quanto ao rumo a seguir. Seja a Escola um fator de enriquecimento, ajudando o jovem na sua formação física e psíquica, sem imposição ou coerção.

A tarefa é árdua, mas com a ajuda, o estímulo e a compreensão de todos, justificaremos por quê a Escola de Vela Barra Limpa é motivo de orgulho para nós.

A Escola foi inaugurada funcionando com uma turma de 18 alunos, variando entre os 7 e os 13 anos. Outros cursos já estão sendo programados. Em princípios de 1976, novo Curso de Iniciação Nível I para jovens de 10 a 16 anos será ministrado, podendo as inscrições serem feitas na Secretaria da Escola de Vela.

Será mais uma oportunidade de mostrar o que a Escola se propõe a fazer, sem prender-se a um planejamento rígido e estático, mas reformulando sempre, aproveitando experiências vividas e sugestões recebidas. Contamos, como sempre, com a colaboração de todos".

enriquecimento

amor dos filhotes

A inauguração da escola fez parte da comemoração dos 34 anos do Clube dos Jangadeiros, completados em 7 de dezembro, uma data que ficou marcada na história mundial por ter acontecido nesse mesmo dia, em 1941, o ataque japonês à frota americana ancorada em Pearl Harbour, no Havaí.

O Patrono Leopoldo Geyer, referindo-se a todas as festividades que marcaram o aniversário do clube, disse:

“Eu gostei muito de tudo o que vi, mas uma cerimônia, em especial, deixou-me muito comovido. Foi a inauguração dessa obra grandiosa que é a Escola de Vela Barra Limpa. Esta escola vai ser importantíssima para o Jangadeiros. Provavelmente o Werner Hunsche nem pode calcular a extensão do benefício que ele, por amor ao filho, está prestando ao clube e à juventude.

A escola vai servir para divulgar o esporte, mas também contribuirá para a formação do caráter dos jovens. **E a juventude é o segredo do sucesso.**

Veja o exemplo do próprio Clube dos Jangadeiros. Alguns anos após a fundação, o clube andava parado, ninguém se interessava por esporte e eu me aborrecia vendo aquilo.

Resolvi, então, convidar a gurizada da zona para formar um departamento de filhotes. Eu estava convicto de que este seria o caminho certo para o clube, sabia que sem juventude não há renovação. (...)

Hoje posso dizer que tudo que o Jangadeiros tem e é pode ser creditado ao trabalho, dedicação e amor dos Filhotes. Vários deles já ocuparam e ocupam cargos importantes na diretoria do clube e tenho a certeza de que o Jangadeiros continuará no rumo certo porque os meninos que cresceram dentro do clube saberão dar lugar aos novos que vão continuar sua obra”.

Voltando ao tempo que precedeu a inauguração da EVBL, em meados de 1975, a futura Diretora da escola, Helga Piccolo, já ocupava o cargo de Diretora de Instrução a convite do Comodoro Edgar Siegmann.

Visando ao funcionamento da escola, ela estruturou um Curso Básico de Vela destinado a iniciantes. Trinta e sete se inscreveram, com idades que iam dos 6 aos 33 anos. Foram aulas teóricas, testes, aulas de ginástica e recreação com almoços e lanches diários num período de sete dias. Como disse a professora Helga,

“o curso, que serviu como experiência para as futuras atividades da Escola de Vela Barra Limpa, previa uma parte prática nos seus últimos dois dias. Essa parte ficou prejudicada pelo clima reinante no fim de semana. Apesar das falhas inevitáveis, o curso preencheu suas finalidades. Assim o atestam sugestões e comentários feitos pelos próprios participantes, o que nos anima a repetir cursos similares com certa frequência

Uma contribuição valiosa para o trabalho de Helga Piccolo veio de Geraldo Tollens Linck que, em viagem à Europa, visitara várias escolas de vela, especialmente a Escola Nacional de Vela da França em Saint Pierre de Quiberon, onde colheu farto material didático que viria a subsidiar a organização dos cursos da futura escola.

Nessa época, o clube havia contratado um professor de Educação Física que assessorava a Diretora de Instrução, mas projetando o funcionamento da escola, cuja construção já ia adiantada, o Vice Comodoro Esportivo Edmundo Soares pensava em ter mais dois professores.

A indicação do primeiro nome veio através do secretário esportivo, Wagner Risso, que disse ter uma prima, Margaret Biasi, prestes a concluir o curso na Escola Superior de Educação Física do IPA. Sondada a respeito, Margaret se interessou e conseguiu motivar um colega, João Carlos Cavalcante, que viu na proposta uma boa oportunidade de trabalho. Foram os dois conversar com Edmundo na redação da Folha Esportiva (jornal da Empresa Jornalística Caldas Júnior), onde tomaram conhecimento do que seria a escola de vela e receberam um convite para conhecer o clube. Era outubro de 1975. Vieram e ficaram.

Começou, então, o longo aprendizado dessa dupla que permaneceu por mais de 10 anos na EVBL, trabalhando com dedicação e competência. Edmundo Soares e Kurt Egon Keller encarregaram-se de transmitir-lhes os conhecimentos básicos de vela.

Comodoro Edgar Willy Siegmann com Kurt Egon Keller (centro) e Edmundo Fróes Soares . 1976

10 ANOS DE
parceria

Margaret relembra: “Vim da ginástica e da dança e aqui descobri um outro mundo completamente diferente. No começo dávamos aulas de natação na piscina que havia junto à sede antiga do clube e participávamos dos cursinhos de vela, ensinando nomenclatura e nós de marinharia para a meninada. No momento em que as obras da escola foram concluídas, começamos a trabalhar lá. Os caminhos da ilha ainda eram de tabatinga e em dias de chuva o acesso à escola era dificílimo, puro barro! Ganhamos botas, mas muitas vezes a gente dava um passo e a bota ficava lá grudada na tabatinga.

.

Quando a escola foi inaugurada, um curso estava em andamento. Já havia cinco Optimist e depois um Laser, que ficavam guardados sobre pneus na sala da escola, que ainda não tinha móveis. Abríamos a porta grande que dá para o sul e baixávamos os barcos 'no braço' até a praia que havia ali e no fim do dia os carregávamos de volta. Todos os Optimist foram batizados com nomes de peixes de água doce, Lambari, Muçum, Jundiá etc.

tarefa de ensinar

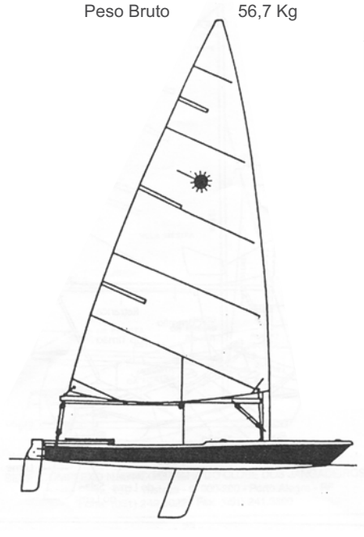
Nesses primeiros tempos, Cavalcante e eu fazíamos as aulas teóricas. Os alunos recebiam polígrafos com o desenho de um Optimist, com a respectiva nomenclatura, e a teoria básica de navegação (contravento, vento ao largo, empopada...).

Quando a piscina da ilha ficou pronta era lá a segunda etapa para as aulas de equilíbrio sobre a água, virar e desvirar o barco e tirar água.

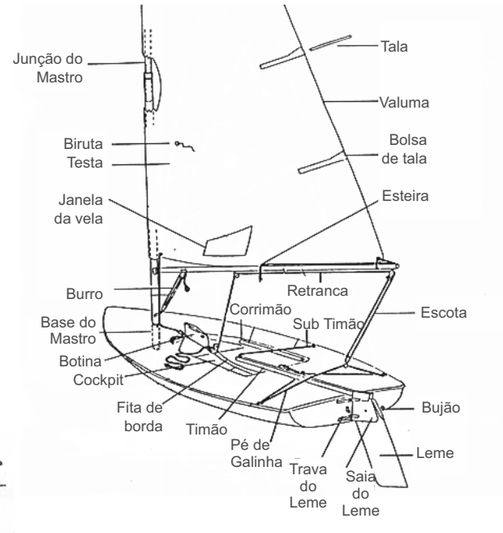
Em seguida, na praia, montagem e desmontagem do barco repetidas vezes e, finalmente a primeira navegada supervisionada por algum velejador do clube, quase sempre Neni (Kurt Keller).

Mais tarde, fomos ganhando prática e aí largaram mais na mão da gente a tarefa de ensinar a gurizada.

Comprimento Total	4,23m
Linha D’água	3,81m
Boca	1,37m
Área Vélica	7,06m²
Peso Bruto	56,7 Kg



Nomenclatura do Laser



curiosidade

Uma vez aconteceu uma coisa engraçada. Entrou um senhor bem quando eu estava apressando a turma de alunos para o início de uma aula prática, dizendo:

»Depressa, depressa,
todo mundo tirando a roupa
e se arrumando para navegar!»

O tal senhor riu e disse:
«Mas eu só vim fazer uma entrevista...»

Era um jornalista de uma revista esportiva, não lembro bem o nome, algo como 'Sport Ilustrado'. Tirou várias fotos e dias depois ligou, me convidando para ir até a redação e ver a matéria. Quando cheguei lá, ele me apresentou aos colegas e aí foi aquela risada:

«Ah! Esta é a tal que te mandou tirar a roupa?»

Nos primeiros meses de 1976, a EVBL já tinha sua própria flotilha:

6 Optimist
4 de construção Lineburger e um Euston, adquiridos pelo clube

1 Optimist
Doado pela Euston Náutica

1 Pinguim
Doado pelo associado Rubens Goidanich

1 Laser
Doado pela Performance Sailcraft do Brasil, fabricante exclusiva da classe no Brasil, representada no Rio Grande do Sul pela Sul Náutica, do associado do clube, Rudi Schultz.

atividades diárias

Como consequência, a EVBL transformou-se rapidamente em um centro de atividade diária já que, além dos cursos realizados, era possibilitado aos alunos recém-formados o uso dos barcos da escola pelo prazo de mais dois meses após o término dos cursos, visando à sua posterior transferência para as flotilhas do clube.

A escola recebia visitantes, continuamente. Em janeiro de 1976, o Ministro da Marinha, Almirante Geraldo de Azevedo Henning, acompanhado pelo Contra Almirante Dilmar de Vasconcelos Rosa, o Capitão de Mar e Guerra Armando Amorim Ferreira Vidigal e Capitão Ralph de Vasconcelos Rosa, estiveram em visita à Ilha dos Jangadeiros por ocasião de sua estada no Rio Grande do Sul, onde participaram das comemorações do 168º Aniversário da Abertura dos Portos Brasileiros às nações amigas.

Recepcionado pelo Comodoro Edgar Willy Siegmann, pelos Vice Comodoros, Kurt Egon Keller e Edmundo Fróes Soares, e outros diretores do clube, visitaram a Escola de Vela Barra Limpa, que causou em todos impressão das mais positivas, tendo o Ministro manifestado seu entusiasmo pelo que pôde observar no Jangadeiros e muito especialmente na EVBL.

Também integrantes das delegações participantes do 4º Campeonato Brasileiro da Classe Optimist, que se realizava no Veleiros do Sul naquele mês de janeiro, estiveram em visita à escola, manifestando sua admiração pelas instalações e pela qualidade da sua flotilha de Optimist.

Por esse tempo, os arredores da escola vinham sendo embelezados com o plantio de árvores nativas que acontecia em toda a ilha de acordo com o plano de arborização elaborado pelo engenheiro agrônomo e paisagista Ronald Jamieson.

Destaque especial eram dois ipês amarelos doados pela Sra. Alicie Hunsche, que foram plantados pelos jovens associados Lúcia Fleck Altmayer e Eduardo Brandau especialmente convidados pelo Vice-Comodoro Geraldo Tollens Linck. Esses ipês foram as primeiras árvores da ilha. Também o asfaltamento das ruas e estacionamentos estavam em andamento.

Ainda em janeiro, a Diretoria do clube estabelecia, em reunião realizada no dia 19, que a EVBL teria seu funcionamento norteado pelos termos de doação aprovados em sessão do Conselho Deliberativo do Clube dos Jangadeiros e pelo Regimento Interno, que estabelecia:

"A Escola de Vela Barra Limpa, dentro do organograma do Clube dos Jangadeiros, estará diretamente vinculada à Vice Comodoria Esportiva do Clube e através desta à Comodoria, mantendo com os demais setores do Clube as relações normais de acordo com as funções e atribuições de cada um deles. A estrutura específica da Escola de Vela Barra Limpa será formada da seguinte maneira: Conselho Superior, Conselho Consultivo e Diretoria Executiva. Estes organismos terão a seguinte formação:

CONSELHO SUPERIOR - Será formado pelo doador da Escola, Sr. Werner Hunsche, pelo patrono do Clube dos Jangadeiros, Sr. Leopoldo Geyer, pelos atuais e futuros Sócios Beneméritos do Clube, nesta data os associados Cláudio Alberto Franke Aydos, Edmundo Fróes Soares, Edwino Hennig e Luiz Osório Chagas, pelo presidente do Conselho Deliberativo do Clube dos Jangadeiros e pelo último ex-Diretor da Escola de Vela Barra Limpa, sendo este substituído pelo próximo Diretor da Escola que vai concluir o mandato.

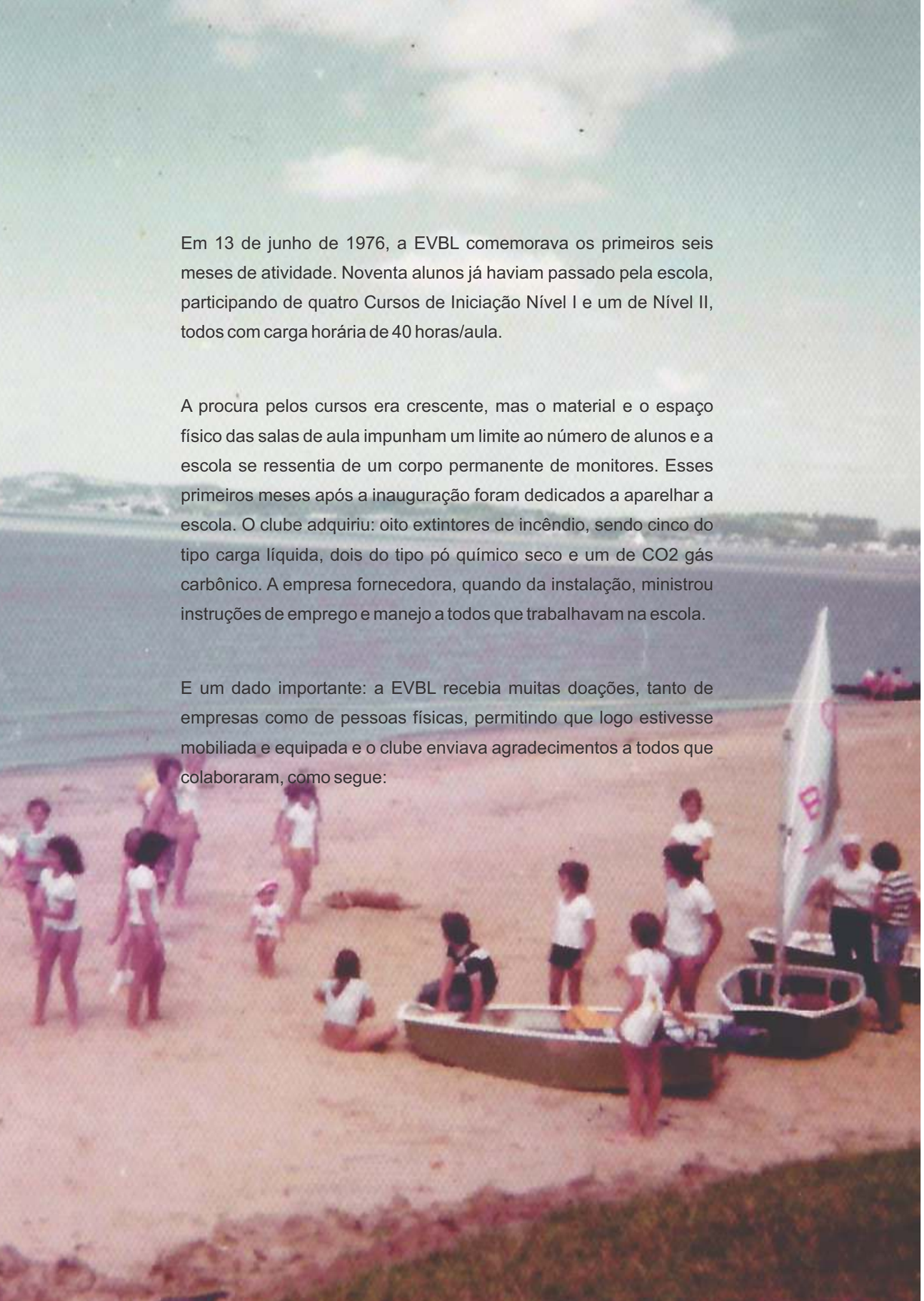
CONSELHO CONSULTIVO - Será formado pelo Comodoro do Clube dos Jangadeiros, Vice-Comodoro Esportivo, Vice-Comodoro Administrativo, Diretor de Vela do Clube, um representante das flotilhas de classes Olímpicas, um representante das flotilhas de classes não Olímpicas e um Sócio Laureado do Clube. Os representantes das flotilhas e dos Sócios Laureados serão escolhidos por votação realizada na primeira quinzena de março de cada ano, sendo permitida a reeleição.

DIRETORIA EXECUTIVA - a Diretoria Executiva será formada por um Diretor indicado anualmente pela Diretoria do Clube; o Diretor poderá nomear os assessores que julgar necessário ao funcionamento da Escola. Os poderes da Escola realizarão reuniões com finalidade de acompanhar o desenvolvimento da escola e estudar seu funcionamento em conjunto com a Diretoria Executiva, de acordo com o seguinte calendário:

CONSELHO SUPERIOR - Reuniões ordinárias em junho e dezembro de cada ano com a finalidade de tomar conhecimento do Relatório da Diretoria Executiva e para discussão do Plano de Ação para o próximo semestre. Essas reuniões serão realizadas em conjunto com o Conselho Consultivo.

CONSELHO CONSULTIVO - Uma reunião bimestral no primeiro sábado de cada mês par e uma reunião em conjunto com o Conselho Superior em junho e dezembro para estudo e verificação do funcionamento da Escola e apreciação do Relatório da Diretoria Executiva, bem como estabelecimento do Plano de Ação para os semestres seguintes.

§ - As reuniões serão sempre convocadas pela Diretoria Executiva da Escola, que participará das mesmas, tendo presente o cronograma contido neste Regulamento Interno. Os casos omissos ao presente regulamento serão resolvidos de acordo com os termos de doação da Escola e com os Estatutos do Clube dos Jangadeiros, que se constituem na Lei Maior do Clube.



Em 13 de junho de 1976, a EVBL comemorava os primeiros seis meses de atividade. Noventa alunos já haviam passado pela escola, participando de quatro Cursos de Iniciação Nível I e um de Nível II, todos com carga horária de 40 horas/aula.

A procura pelos cursos era crescente, mas o material e o espaço físico das salas de aula impunham um limite ao número de alunos e a escola se ressentia de um corpo permanente de monitores. Esses primeiros meses após a inauguração foram dedicados a aparelhar a escola. O clube adquiriu: oito extintores de incêndio, sendo cinco do tipo carga líquida, dois do tipo pó químico seco e um de CO2 gás carbônico. A empresa fornecedora, quando da instalação, ministrou instruções de emprego e manejo a todos que trabalhavam na escola.

E um dado importante: a EVBL recebia muitas doações, tanto de empresas como de pessoas físicas, permitindo que logo estivesse mobiliada e equipada e o clube enviava agradecimentos a todos que colaboraram, como segue:

doações

Cia Geral de Indústrias .	1 fogão a gás branco, de quatro bocas
Liquigás do Brasil S/A .	uma instalação para fogão a gás com dois tubos pequenos
S. Berg e Cia LTDA .	3 jogos de xadrez 3 jogos de dominó 3 jogos de damas 3 jogos de bingo
Marmotex Ind. Decorativa LTDA .	1 mesa de centro
Lilak Com. E Ind Representações LTDA.	1 conjunto de estofados
Estofados Cosmos .	1 conjunto de estofados
Estofados Santa Rita .	1 conjunto de estofados
Walter Gerdau S/A .	3 mesas e 18 cadeiras
L. M. Todeschini & Cia LTDA .	1 armário para cozinha
Ind. E Com. De Móveis Plastificados LTDA (Imoplast) .	4 mesas de centro
Arno S/A Indústria e Comércio .	1 enceradeira SUPER
Zivi-Hércules S/A .	4 dúzias de talheres de mesa
Ind. de Refrigeração Consul S/A .	1 refrigerador
INSTALNAVI Instalações Elétricas Navais e Industriais LTDS .	3 lanternas
Marion Woodhead .	1 balança
Dinah Coimbra Martins da Rosa .	1 fichário 1 escrivaninha com cadeira 2 poltronas

Em junho começaram a funcionar os Conselhos que haviam sido constituídos em 19 de janeiro.

E os resultados do bom trabalho desenvolvido pela Direção e professores da escola já apareciam, com um número significativo de alunos passando a integrar as flotilhas de Optimist e Pinguim do clube, que visivelmente se renovaram e ampliaram desde a inauguração da EVBL, entre eles:

André Gomes Burger
André Luiz Halbig
Alexandre Carminatti
Alexandre Schneider
Fernando Blos
Flávio Steiner
Luciano Debiagi
Marcelo Bernd
Mário e Henrique Milano Bergallo
Moira Bush
Ricardo Luís Walther
Ricardo Vargas Lopes
Thais e Andrea de Toledo Kraemer
Thomas e Lucas Burger
Verônica Buckup

A diretora Helga Piccolo dirigia agradecimentos especiais a pessoas e entidades que vinham colaborando com a escola.

Passados seis meses de sua inauguração, a Escola de Vela Barra Limpa não pode deixar de fazer de público uma série de agradecimentos dirigidos a todos aqueles que, de uma forma ou outra, vêm auxiliando e incentivando suas atividades para que sejam levados a bom termo os compromissos assumidos por ocasião da doação.

Dirigimo-nos ao Kurt Egon Keller, ao Luiz Chagas, ao Hilton Piccolo, ao Renato Reckziegel, ao José Adolfo Paradeda, ao Luiz Alberto Aydos, ao Cláudio Aydos e a tantos outros sempre dispostos a colaborar para o bom nível das aulas teóricas e práticas; aos nossos professores João Carlos Cavalcante e Margaret Biasi pelo empenho com que vêm se dedicando às suas tarefas; ao nosso Comodoro Edgar W. Siegmann e ao nosso Vice-Comodoro Esportivo Edmundo Soares pelo auxílio recebido; ao comandante Nunes, da Capitania do Porto de Porto Alegre, e à Marinha do Brasil de um modo geral pelo interesse demonstrado e pelo apoio recebido; ao DED (Departamento Estadual de Desportos) da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, na pessoa do Sr. Rudi Auler, sempre disposto a atender as necessidades da Escola; aos nossos sócios Rubem Goidanich e Rolf Udo Zelmanovicz pela doação de barcos feita.

Enfim agradecemos a todos pelo que fizeram pela Escola e esperamos que continuem a nos prestigiar e auxiliar e que o seu exemplo encontre seguidores dentro e fora do clube.

Um agradecimento muito especial deve ser consignado ao Conselho Regional de Desportos, na pessoa de seu presidente Evaldo Campos, e ao Conselho Nacional de Desportos, cuja direção, tendo à frente o Brigadeiro Jerônymo Baptista Bastos, soube bem avaliar o significado da Escola de Vela Barra Limpa para o esporte náutico brasileiro.

ampliando o raio de ação

Em 1977 prosseguiam as atividades da EVBL com seus cursos regulares, mas havia novidades na programação, como os cursos teóricos de Arrais Amador e Mestre Amador que eram realizados à noite, duas vezes por semana. Márcio Pinto Ribeiro e Carlos Altmayer Gonçalves eram os professores sob a coordenação de Luiz Osório Chagas, todos trabalhando voluntariamente em alto nível, como se podia verificar pelas opiniões colhidas entre os participantes dos cursos.

Também aconteciam, a cargo do velejador Kurt Egon Keller, cursos de Iniciação à vela para adultos, cujas aulas teóricas também aconteciam em horário noturno durante a semana.

As aulas práticas eram em barcos de cruzeiro particulares cedidos por associados do clube, como Sérgio Araújo e César Ribeiro da Costa Ávila Filho.O êxito desses cursos fez com que passassem a ser realizados com maior frequência na EVBL.

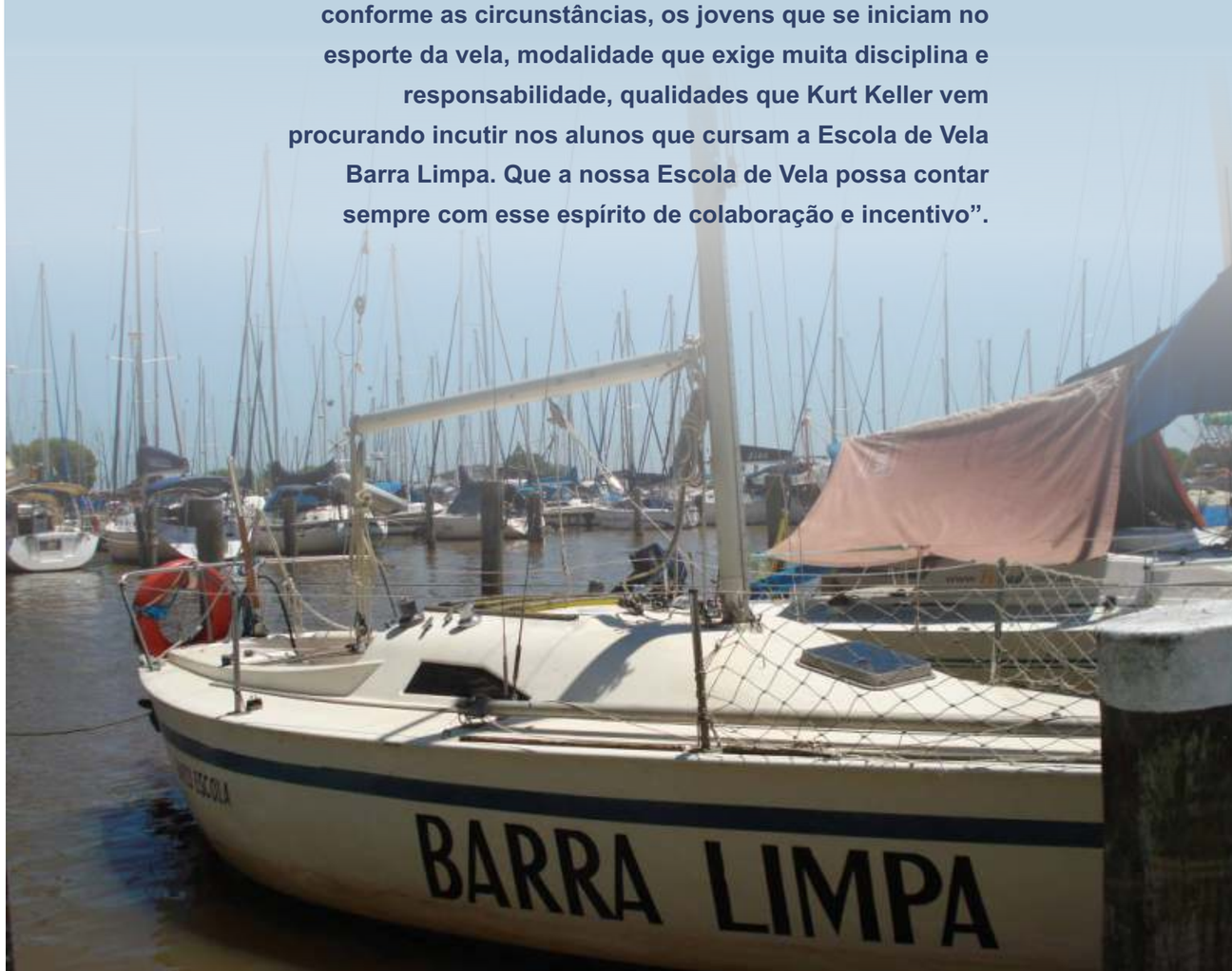
Nessa época a Vice Comodoria Esportiva do clube mantinha um jornalzinho mural, "**O Moitão**" para divulgar semanalmente as atividades esportivas. A EVBL, em edital publicado nesse mural, informou ter interesse em trocar os seus Optimist de madeira por outros de fibra em bom estado de conservação, cuja manutenção seria bem mais fácil. Logo apareceram interessados e a troca se fez progressivamente.

No ano seguinte, em janeiro, mais dois barcos da classe Pinguim foram incorporados à flotilha da escola, o "Barra Limpa" e o "Piá", restaurados e montados graças à dedicação e aos esforços de Luiz Szabo e Hilton Piccolo.

A EVBL, mesmo nas férias de verão, permanecia em funcionamento, colocando seu material náutico à disposição dos alunos que haviam concluído com aproveitamento seus cursos.

A diretora Helga Piccolo novamente registrava agradecimentos aos colaboradores, destacando Kurt Egon Keller, o **Neni**,

"sempre disposto e que jamais negou seu apoio e sua incansável colaboração. Muito do que a Escola de Vela Barra Limpa pôde realizar, até agora, deve-o a ele. Por isso, não pode a Escola de Vela, decorrido um ano de sua inauguração, deixar de prestar a ele o seu reconhecimento público. Acessível, como deve ser um professor, enérgico, quando preciso, tem incentivado no grito e na gozação, conforme as circunstâncias, os jovens que se iniciam no esporte da vela, modalidade que exige muita disciplina e responsabilidade, qualidades que Kurt Keller vem procurando incutir nos alunos que cursam a Escola de Vela Barra Limpa. Que a nossa Escola de Vela possa contar sempre com esse espírito de colaboração e incentivo".



Em maio de 1977, foi incorporado à flotilha da escola um barco da classe Jangadeiro, como **barco-escola**, uma aquisição das mais significativas pelo que representava em termos de melhores possibilidades de instrução.

Também a biblioteca da escola recebia continuamente, em doação, livros e revistais especializados em iatismo.

Aqui cabe um registro muito especial: a diretora da escola, Professora Doutora **Helga Iracema Landgraf Piccolo**, era a nova ocupante da cadeira patrocinada por Dona Leopoldina, Imperatriz do Brasil, na Academia Brasileira de História, sendo a primeira mulher a conquistar tal honraria.

A cerimônia de posse realizou-se em 29 de abril de 1977 na sala do Conselho Universitário da UFRGS. Logo depois, em junho, a diretora da EVBL apresentou seu pedido de demissão, havendo cumprido dois anos de atividade contínua justamente na fase mais complexa da escola, que foi a implantação e desenvolvimento da metodologia de ensino.

Helga Piccolo foi sucedida por Guilherme Arno Uhr. A posse aconteceu em 11 de setembro de 1977, momento em que foi também prestada uma homenagem à diretora que deixava o posto, com a inauguração de sua fotografia colocada na sala de estar da escola.

A festividade foi concorrida, tendo a presença da Sra. Alicie Hunsche e do Capitão do Porto de Porto Alegre, Eduardo Paulo da Silva Nunes, sócios e velejadores e demais convidados.

O Comodoro Edgar W. Siegmann apresentou oficialmente o novo Diretor, citando a intensa atividade que ele vinha desenvolvendo junto à Flotilha de Optimist do clube.

Em continuidade, os convidados puderam apreciar uma bela exposição de fotografias de José Abraham, da Empresa Jornalística Caldas Júnior, que nas horas vagas se dedicou a acompanhar, com sua objetiva, todas as etapas de construção da primeira casinha de joão-de-barro na Ilha dos Jangadeiros.

ESCOLA DE VELA
BARRA LIMPA
CLUBE DOS JANGADEIROS

A festa continuou nas areias da “Praia Brava” onde estavam colocados cinco novos Day Sailer da flotilha recém fundada, prontos para disputar a primeira regata da classe no Brasil. Naquele tempo havia uma praia na face sul da escola, apelidada de Praia Brava pelas dificuldades que apresentava em dias de vento forte vindo do sul.

Infelizmente foi tragada pelo Guaíba durante uma cheia anos depois) onde estavam colocados cinco novos Day Sailer da flotilha recém fundada, prontos para disputar a primeira regata da classe no Brasil.

Havia um sexto Day Sailer junto deles, o “Pampeiro”, magnífica doação feita à escola pela Mariner Construções Náuticas, empresa que produzia os barcos da linha O´Day, o qual foi batizado por Helga Piccolo com o tradicional banho de champanha na proa.

Estavam presentes Steve Galle, representante da Bangor Punta, empresa norte-americana fabricante dos O´Day naquele país, José Adolfo Paradeda e Sérgio Mauro Trachtenberg, da Mariner Construções Náuticas.

O “Pampeiro” participou da regata timoneado pelo novo Diretor da escola com os tripulantes Luiz Eduardo Paradeda e Carlos Renato Blos. Ficou em segundo lugar; o vencedor foi o “Sem Nome”, de Dino Busato, João Busato e Nelson Peña.

TROFÉU **BARRA LIMPA**

Esse troféu, de posse transitória, foi instituído em 1977 e é disputado anualmente por alunos e ex-alunos e entregue ao vencedor, sempre em dezembro, durante as festividades de aniversário da EVBL

Frederico Plass Rizzo recebe o troféu Barra Limpa, em 1996, das mãos de Werner Hunsche, doador da EVBL, acompanhado por sua filha Carla e por Francisco Freitas, diretor da escola na época.

Nos 30 anos da EVBL, o vencedor do Troféu Barra Limpa foi Vicente Ducatti. Na foto em companhia da sra. Alicie Hunsche, doadora da escola, e de Jorge Alberto Aydos.

flagrantes da entrega do troféu

Neste ano de 1977 a Diretoria do clube liderada por Edgar Siegmann encerrava seu mandato, não concorrendo à reeleição. Ele e o Vice-Comodoro de Obras e Planejamento, Geraldo Tollens Linck, dois gigantes do trabalho de construção da Ilha dos Jangadeiros e da implantação da EVBL, manifestaram a intenção de afastar-se definitivamente da direção por motivos particulares. Os novos dirigentes foram eleitos e empossados no mês de julho.

Edmundo Fróes Soares . Comodoro
Kurt Egon Keller . Vice Comodoro Administrativo
Luiz Szabo Adasz . Vice Comodoro Esportivo
Luiz Osório A. Chagas . Vice Comodoro de Obras e Planejamento

Nesses primeiros anos de atividade, alguns alunos marcaram presença nos cursos da EBVL, como Marta Bonucci Dieterich, André e Carla Wahrlich que, em um mês, conseguiram completar as trinta horas de prática necessárias à obtenção dos certificados.

Marta, inclusive, já tinha trazido seu Optimist para o clube e participado das regatas do Troféu Amizade, disputado entre o Iate Clube de Santa Catarina – Veleiros da Ilha e o Clube dos Jangadeiros. Os três velejadores citados integravam o grupo que havia concluído o Curso Nível I em abril de 1978.

Marga Siegmann Paradeda, que passou a ocupar o cargo de Supervisora, sucedendo Guilherme Arno Uhr, comentava que esse grupo podia ser considerado como um dos mais homogêneos e interessados que havia passado pela escola.

anedotário

1978
O Comodoro Edmundo Soares conversa informalmente com alunos da escola, acompanhado por Marga S. Paradeda, Supervisora da EVBL, e Luiz Szabo, Vice Comodoro Esportivo.

Em maio e junho daquele ano, novo Curso Nível I foi realizado apesar de o clima de outono não haver ajudado, fazendo, inclusive, com que os professores tivessem de modificar a programação, adequando-a às condições de tempo. No decorrer desse curso, deu-se um fato que até poderia figurar num "anedotário" da escola.

Certa tarde, os alunos montavam seus barcos para uma aula prática quando surgiu Marco Aurélio Paradeda para dar uma mãozinha. Ele já era conhecido dos alunos, pois lhes dera uma aula sobre rudimentos de navegação no segundo dia do curso. Em dado momento, Paradeda aconselhou uma pequena correção no trabalho de um aluno, que irritadinho lhe respondeu:

**"Vai querer me ensinar agora?
Vai cuidar do teu 470 que é melhor".**

Os cursos de Arrais Amador e Mestre Amador continuavam acontecendo e já constavam do calendário da Federação de Vela e Motor do Rio Grande do Sul. E com satisfação a EVBL anunciava mais barcos na sua flotilha, com a aquisição de dois Hobie Cat 10 que vieram somar-se aos dez Optimist, quatro Pinguim, dois Laser e um Day Sailer. Vários velejadores do clube, entre eles

Jorge Alberto Aydos
Lilian Fiedler
Hilton Piccolo
Ladislau Szabo
Victor Hugo Schneider
Caio Vergo

colaboravam com a EVBL em trabalho voluntário, servindo como instrutores nos cursos, fazendo demonstrações e acompanhando a primeira velejada dos novos alunos.

voluntários

Um agradecimento especial foi dirigido a Alfredo **"Fedoca"** Pitta Pinheiro Correa, que permanentemente ajudava a escola. Assim que chegaram os Hobie Cat 10, em poucos dias Fedoca elaborou o desenho dos barcos com toda a nomenclatura, a fim de incluí-los imediatamente nos cursos.

1976

Nos tempos em que a EVBL ainda tinha uma bela praia no lado sul, os professores João Carlos Cavalcante e Margaret Biasi acompanhavam os alunos na montagem dos barcos

Professor João Carlos C. Cavalcante dá instruções à turma antes de uma velejada.

Margarida Oppliger Pinto

Nos horários ociosos da EVBL, aconteciam aulas de ginástica para os sócios do clube. Ginástica feminina em três frequências semanais e diferentes horários com as professoras Margarida Oppliger Pinto e Leila Magalhães, sendo que a professora Leila tinha também classes de recreação infantil.

A professora Margaret Biasi treinava as iatistas três vezes por semana, enquanto que o professor João Carlos Cavalcante era o responsável pela ginástica masculina, havendo horários e programa especial de condicionamento físico para iatistas.

Isto acontecia há 40 anos, quando não havia toda essa atual oferta de academias e os velejadores do Clube dos Jangadeiros podiam fazer sua preparação física no próprio clube.

Relembrando aquele tempo, Marco Aurélio Paradeda comentou que, antes das aulas de ginástica na EVBL, nunca tinha ouvido falar em alongamento. Aliás, nem só do preparo físico se ressentiam os velejadores, mas também de roupas adequadas. Em dias de frio, a turma ia para a água de shorts, blusões de lã e muitas vezes de pés descalços. Roupas de neoprene, botas impermeáveis, isto tudo era ainda meio raro por aqui.

A essas alturas, a Barra Limpa já tinha vários ex-alunos participando de regatas oficiais. É difícil citar todos, mas entre eles estavam Luís Fernando Blos, Alexandre, Ricardo e Roberto Dias Paradeda, Fernando, Gabriela e Cristiano Keller Kessler, Thomas e Lucas Burger, Cristiane Löff, Rafael Siegmann Paradeda, Maria Krahe, Fernanda Oliveira, Gustavo Oderich, Thomas e Lucas Burger e tantos outros.

Ainda em 1978, a Diretoria do clube elaborou uma movimentada programação - ***Venha viver o Clube nestes 60 Dias*** - para os meses de inverno, agosto e setembro, com o objetivo de estimular a frequência dos associados.

Dentro desse espírito e afinada com os propósitos da Diretoria, a EVBL lançou-se em atividades culturais, oferecendo aos associados duas palestras de grande interesse a cargo de dois palestrantes de peso ligados ao esporte da vela.

A primeira delas, em agosto, foi da ex-diretora da escola, a Prof. Helga Piccolo/UFRGS, e teve como tema a *Formação Histórica do Rio Grande do Sul.* Por mais de uma hora ela falou sobre a situação da região que viria a tornar-se o Estado do Rio Grande do Sul de maneira tão atraente que quando encerrou sua palestra várias pessoas exclamaram: - Continua!

O segundo palestrante, em setembro, foi o Prof. Ludwig Buckup/UFRGS que abordou o tema *Ecologia da Água.* Ramificação gaúcha de conhecida família de velejadores de São Paulo, o Prof. Buckup disse que veio para a sua palestra um tanto intrigado com a motivação e objetivos do convite que lhe foi feito*:*

Devo dizer que vim até aqui com expectativas mistas. Eu não tinha ideia muito clara sobre que tipo de público me esperaria e que tipo de indagações os ouvintes trariam para uma palestra como esta e neste ambiente. Mesmo porque velejei durante muitos anos e sei o que se passa aos sábados à tarde, nesta hora: terminou-se de guardar o barco, secou-se o barco e as velas e, então, a vontade que se tem é chegar até o bar, tomar uma caipirinha e conversar com os amigos. E talvez seja este, exatamente, o problema essencial: a tendência que temos de nos desligar completamente de qualquer outro enfoque mais geral, esquecendo objetivos mais amplos em detrimento apenas daquilo que nos preocupa mais de perto, nossas inquietações, interesses e aspirações imediatas.

...Então terminei concluindo que o tema Ecologia da Água, apresentado aqui a uma plateia vinculada direta ou indiretamente ao esporte da vela, pareceu-me muito bem situado. ...O esporte da vela, como qualquer outro, está tão ameaçado como estão outras atividades da nossa vida pela piora do ambiente. Existe, claro, para o velejador a possibilidade de considerar a água como uma superfície sobre a qual se navega. O que tem embaixo d´água não interessa! Existe esta opção. Mas não se surpreenda se, de repente, ele tiver que chegar a esta triste conclusão:
- Agora eu não posso mais velejar no Guaíba.

Uma jovem jornalista que assistia à palestra apressou-se em tirar conclusões um tanto superficiais daquilo que ouvia e, na segunda-feira seguinte, um jornal porto-alegrense estampava esta afirmativa

"Preocupados em não poder mais velejar no Guaíba, associados do Clube dos Jangadeiros convidaram o Prof. Ludwig Buckup para uma palestra sobre Ecologia da Água".

Obviamente, essa preocupação era presente, mas ia bem além com vistas à qualidade da água que abastece a cidade e com a qualidade de vida que se apresentará aos nossos descendentes. A preocupação permanece. Terminada a palestra, que teve a duração de uma hora e meia, muitas pessoas cercaram o professor com diversas indagações, demonstrando claramente que o assunto estava longe de esgotar-se. Por seu lado, Ludwig Buckup pareceu satisfeito com o interesse da plateia e disse bem humorado:

" Gostei que o clube cortou a caipirinha da turma às cinco horas no bar!"

E já começava um novo ano. E com novidades: a escola recebeu uma importante doação que iria permitir o aprimoramento dos seus serviços de treinamento, regatas e segurança.

A Gaúcha Cross fez a entrega de um motor de popa Honda 100, de 10 HP, o qual, colocado em um barco inflável do Jangadeiros, passou imediatamente a participar das atividades da escola.

A entrega foi realizada pelos srs. Carlos Alberto Farina e Ciro Andreoli, da Gaúcha Cross, e Aldo Falco, da Honda, recebendo em nome do Jangadeiros a supervisora da EVBL, Marga Siegmann Paradeda, o comodoro Edmundo Soares e os diretores Rolf Nehm e Arno Uhr.

época produtiva

Outra novidade foi a contratação, pela primeira vez, de uma profissional para integrar a direção da EVBL: Erika Lessmann, velejadora paulista do Yacht Club Santo Amaro, com passagem pela federação de vela alemã, a Deutscher Segler Verband, e pela Federação de Vela do Estado de São Paulo. Ela veio para ser supervisora de ensino, quando Luiz Szabo, Vice Comodoro Esportivo do clube desde1977, era o diretor e Marga permanecia como diretora de instrução. Foi um período bastante movimentado na EVBL.

Prosseguiam os cursos de Iniciacão à Vela, Arrais Amador, Mestre Amador e Capitão Amador, este último inédito no país, desenvolvido e ministrado pelo velejador do clube, Luís Garcia Neto, em dezesseis aulas que aconteciam à noite, três vezes por semana, e que contou com a participação de oito alunos. Havia, ainda, programas especiais para atrair novos alunos, como o “Divirta-se aprendendo a Velejar”, gincanas e até um campeonato de pandorgas.

Buscando aumentar a arrecadação, a escola alugava barcos no período ocioso entre os cursos e lançava, sob orientação do Vice Comodoro Administrativo do clube, Dino Mioni Busato, um plano promocional que consistia na venda de patrocínios para os barcos da escola, visando a um lucro fixo mensal que cobrisse as despesas usuais.

Erika Lessmann permaneceu na EVBL por sete meses, demitindo-se em agosto por motivos de ordem pessoal. Ela resolveu seguir o “rumo do seu próprio coração”, que havia sido laçado por alguém que ela não revelou.

Luiz Szabo e Marga Paradeda também encerravam seu excelente trabalho na escola e Aimée Virgínia Bento Soares assumiu a direção da EVBL, permanecendo no cargo pelos três anos seguintes.

Veio o quarto aniversário da escola, quando além das regatas pelo Troféu Barra Limpa, com festa, bolo de aniversário e a visita, sempre especial, do casal Werner e Alicie Hunsche, foi realizado o “Fim-de-Semana de Arte Infanto-Juvenil” e a meninada apresentou trabalhos com tinta têmpera, lápis de cor e canetas hidrográficas tendo como tema a vela. Havia até uma comissão julgadora encarregada de apreciá-los.

Nesse verão 1979/1980, deu-se um fenômeno, um verdadeiro “boom” de interesse pela prática da vela causado pela novela “Água Viva”, da Rede Globo, em que os personagens eram praticantes de windsurf. Dezenas de interessados em aprender a velejar vinham inscrever-se nos cursos da EVBL, a ponto de haver uma lista de espera com mais de 80 nomes. Os professores Cavalcante e Margaret mal conseguiam dar conta do movimento. Logo ficou clara a necessidade de se ter um professor de windsurf e, para tal, a escola socorreu-se do iatista Renato Pozzolo, que vinha semanalmente para aulas teóricas e práticas.

Mais ainda, a EVBL organizou um curso de vela para universitários da Faculdade de Educação Fisica do IPA, em Nível I e II, sob o patrocínio da Associação dos Especializados em Educação Física, num total de 40 horas/aula.

Temas como nomenclatura náutica, noções de equilíbrio sobre a água, preparação física, marinharia e aulas práticas de vela compuseram as aulas, que foram ministradas pelos professores João Carlos Cavalcante, Margaret Biasi e velejador Luiz Alberto Aydos.

No Nível II, o iatista Alfredo Pitta Pinheiro Corrêa transmitiu ensinamentos sobre Rudimentos de Navegação, Principais Regras de Regata, Sinalização de Largada e Sinalização em Geral, enquanto que Marco Aurélio Paradeda deu aulas de Técnicas de Velejar e Táticas de Regata.

Ao final do curso, a EVBL contratou duas das alunas, Dóris Helena Della Valentina e Maria Beatriz Dittrich, que passaram a trabalhar como instrutoras sob a supervisão dos professores Cavalcante e Margaret.

Em 1981, além de seus cursos tradicionais, a EVBL, sempre visando à difusão e aprimoramento da prática da vela, promoveu uma série de atividades para velejadores de Cruzeiro e Oceano, como um Curso de Meteorologia para Iatistas a cargo do Prof. José Soares Lima, meteorologista formado no Ministério da Aeronáutica, que totalizou 30 horas/aula, com grande proveito para o numeroso grupo participante.

Em continuidade, nosso associado e veterano velejador de Cruzeiro, Eng°. Cláudio Alberto Franke Aydos, ministrou um Curso de Introdução à Navegação Astronômica, transmitindo conhecimentos indispensáveis e utilíssimos aos nossos navegadores, que ainda não dispunham da tecnologia dos dias atuais.

A flotilha da EVBL já contava com treze Optimist, dois Laser, sete Pinguim, dois Hobie Cat 10, um Day Sailer e um Finn. O número de alunos formados nos cursos regulares de vela ia perto dos cento e cinquenta e mais de oitenta velejadores haviam feito os cursos de Arrais e Mestre Amador. Um sucesso!

Cláudio e Lucy Aydos

De 1978 em diante, praticamente todos os integrantes da Flotilha da Jangada eram oriundos da EVBL e participavam regularmente das regatas do clube e da Federação de Vela e Motor do Estado do Rio Grande do Sul/FVMRGS. Dois anos depois a meninada começava a despontar em competições interestaduais e nacionais.

Luís Fernando Blos conquistou vaga da equipe brasileira que disputou o Campeonato Mundial da Classe Optimist de 1980 em Cascais/Portugal. Repetiu a façanha no ano seguinte, participando do seu segundo mundial desta vez em Dublin/Irlanda, sempre acompanhado de seu avô Guilherme Arno Uhr.

Em 1984 foi a vez de Roberto Milano Guaragna no Mundial realizado no Iate Clube do Rio de Janeiro e, passados mais dois anos, a Flotilha da Jangada colocou dois representantes na equipe brasileira que foi ao Mundial em Rosas/Espanha: Gustavo Oderich e Rafael Siegmann Paradeda. Rafael foi o melhor colocado entre os brasileiros, conquistando um 19º lugar entre 150 participantes.

E a Flotilha foi além. Em janeiro de 1988, Alexandre Dias Paradeda trouxera o Jangadeiros o título inédito de campeão brasileiro da classe Optimist obtido no Rio de Janeiro e, no ano seguinte, seu irmão Ricardo repetiu o feito em Porto Alegre, com Dennis Bariani Koch, então velejador da Flotilha da Jangada, classificando-se em 2º lugar.

No ano seguinte, os dois estavam na equipe brasileira, junto com Newton Martins Rocha Jr, também ex-aluno da EVBL e velejador da flotilha.

1980
PORTUGAL . CASCAIS
Luís Fernando Blos
Campeonato Mundial da Classe Optimist

1984
RIO DE JANEIRO
Roberto Milano Guaragna
Campeonato Mundial da Classe Optimist

1986
ROSAS . ESPANHA
Gustavo Oderich
Rafael Siegmann Paradeda
Campeonato Mundial da Classe Optimist

1988
RIO DE JANEIRO
Alexandre Dias Paradeda
Campeonato Brasileiro da Classe Optimist

Ricardo Dias Paradeda
Dennis Bariani kock

Na categoria Feminino, a irmã de Newton, Martha Oyara Rocha brilhava, conquistando três campeonatos estaduais e brasileiros e dois sul americanos. Outro ex-aluno, Thomas Burger, com Laerte Sobolewski na proa, vencia o Campeonato Mundial da Classe Pinguim no Rio de Janeiro.

Martha Oyara Rocha
Conquistou três campeonatos estaduais e brasileiro e dois sul americanos.

RIO DE JANEIRO
Thomas Burger
Laerte Sobolewski
Venceram o Campeonato Mundial da Classe Pinguim

Em 1991, ano de seu Cinquentenário, o Clube dos Jangadeiros foi presenteado com expressivas vitórias de seus velejadores nos campeonatos estaduais, tendo entre eles sete ex-alunos da EVBL: Rafael S. Paradeda na classe Snipe, Newton Martins Rocha Jr. na classe Europa, Leonardo Mayrhofer Gomes, Frederico Plass Rizzo e Martha Oyara Rocha na classe Optimist, e Victor Hugo, Alexandre e Cristiano Schneider no 470.

Rafael S. Paradeda
Classe Snipe

Newton Martins Rocha Jr.
Classe Europa

Leonardo Mayrhofer Gomes
Classe Optimist

Victor Hugo e Alexandre Schneider
470

Frederico Plass Rizzo
Classe Optimist

Martha Oyara Rocha
Classe Optimist

conquistas

Muito festejados na EVBL, esses desempenhos evidenciavam a excelência do trabalho desenvolvido, trabalho que prossegue nos dias atuais, quando a Escola já conta com 45 anos de atividade ininterrupta, sempre impulsionada e apoiada pelas sucessivas diretorias do Clube dos Jangadeiros e pela colaboração de inúmeros sócios do clube.

Pode-se dizer que, atualmente, quase todos os velejadores de competição do Jangadeiros passaram pela EVBL e vários deles já levaram o nome do clube a águas bem distantes, velejando com muita técnica e garra, como Fábio Pillar, campeão brasileiro, vice-campeão sul americano e mundial da classe Laser Radial, campeão brasileiro da classe 470 em 2010 e 2011 e participante da Olimpíada de Pequim como proeiro de Samuel Albrecht, velejador do Veleiros do Sul. Tiago Brito e Antônio Rosa, campeões mundiais da classe Snipe, categoria Júnior, realizado em Portugal, Lorenzo Balestrin Correa, vice-campeão brasileiro da classe Optimist, Guilherme Perez, terceiro colocado no Campeonato Mundial de Laser Radial, no Japão.

Nesses 45 anos a EVBL vem se mantendo fiel aos objetivos que lhe foram traçados pelos doadores Werner e Alicie Hunsche, em conjunto com os dirigentes do Clube dos Jangadeiros, dedicando-se única e integralmente ao ensino e difusão do esporte da vela, com foco especial nas crianças e nos adolescentes. E, sendo aberta à comunidade, mantém-se como ponto de atração e porta de entrada de novos sócios para o clube, tantos que seria impossível enumerá-los.

Werner e Alicie Hunsche, ambos já falecidos, felizmente puderam acompanhar por muitos anos a trajetória da Escola de Vela Barra Limpa, testemunhando os resultados do seu gesto de grandeza, o enorme benefício auferido pelo clube e, consequentemente, pela vela gaúcha e brasileira.

E certamente ficariam orgulhosos agora se pudessem ver que praticamente todos os velejadores do clube que participaram dos Campeonatos Estaduais de 2020, finalizados em dezembro, foram alunos da Escola de Vela Barra Limpa. É uma turma dedicada que vibra com o esporte e treina mesmo em dias de ventão, quando o Guaíba fica parecendo um mar. É justo citar seus nomes e assim homenagear todos que já passaram pela EVBL:

DESTAQUE **ESPECIAL**
Alexandre Dias Paradeda
o Xandi
multi campeão brasileiro
e mundial da classe Snipe

Fernanda Oliveira
velejadora da classe 470

Ela é, sem dúvida, uma estrela brilhante dessa constelação, competindo em nada menos do que cinco Olimpíadas. Seu feito maior foi a conquista da medalha de bronze na Olimpíada de Pequim, em 2008, juntamente com a proeira Isabel Swan. Atualmente Fernanda veleja com a proeira Ana Barbachan, tendo com ela participado dos últimos Jogos Olímpicos, em Londres, e de inúmeras competições internacionais, sempre com atuações destacadas. A dupla prepara-se atualmente para participar da Olimpíada neste ano de 2021 em Tóquio.

CLASSE **OPTIMIST**

Equipe
Veteranos ALFA

Artur Beltrão
Bianca Lautert
Felipe Strassburger
Francisco Dal Ri
Isabella Zorzi
Lucas Geyer

Técnica
Ana Barbachan

Equipe
Veteranos BRAVO

Gabriel Debeluck
Guilherme Zanella
João Vitor Rocha
Leonardo Anzolch
Lucas Allthaus
Lucca Walter
Samuel Peixoto

Técnico
Ramón Tarragô

Classe LASER

Carlos Eduardo Griebeler
Guilherme Perez
Isadora Dal Ri
João Emílio Vasconcellos
Lucas Zorzi
Pedro Rosa

Técnico:
Lucas Mazim

Classe 29er

Catarina Glashester
Gabriel Simões
Giovani Troian
João Moré
Lorenzo Balestrin Correa
Luana Kath Strassburger
Manoela Pereira da Cunha
Maria Eduarda Claudino
Pedro Breternitz
Vinicius Koeche
Vitor Paim

Técnicos
Lucas Mazim e Ian Paim

Classe SNIPE

Antônio Rosa
Caio Pantoja
Diego Falcetta
Fernando Kessler
Gabriel Kieling
Roberto Dias Paradeda

Classe IQ FOIL

Guilherme Plentz
Larissa Ricci

resultados

Desde a inauguração e a implantação do sistema de ensino sob a responsabilidade de Helga Landgraf Piccolo, que realizou um trabalho memorável nos dois anos iniciais, passaram pela EVBL muitos diretores e instrutores que deixaram seu depoimento sobre o tempo em que estiveram ligados à escola, onde fica bem evidente a importante influência da instituição na vida do Clube dos Jangadeiros.

Diretores da EVBL desde a fundação:

Helga Landgraf Piccolo
Guilherme Arno Uhr
Marga Siegmann Paradeda
Erika Lessmann
Aimée Virgínia Bento Soares
José Adolfo Paradeda
Vivian Leke
Kurt Egon Keller
André Becker
Thomas Burger
Wagner Michael Pereira
Renato Reckziegel
Michael Weinschenck
Francisco Freitas
Marcelo Kern
Luiz Fernando Schramm
Henrique Freitas
Priscila Trainini Hony Plentz
Luiz Eduardo Paradeda
Alexandre Dias Paradeda
Luiz Eduardo Paradeda
Francisco Bastos de Freitas
Sabrina Crespo

Depoimentos

Thomas **BURGER**

ex-diretor da EVBL

Quando recebi o convite para ser o próximo Diretor da EVBL, feito pelo meu amigo André Becker, me senti muito honrado, pois foi nesta Escola que aprendi a velejar e seria uma forma de retribuir o carinho da Helga Piccolo, dedicado ao meu aprendizado aos 14 anos, quando iniciei na vela.

A primeira atividade que fiz com a equipe de trabalho foi uma reunião onde cada colaborador expressou quais eram suas atribuições e qual era a programação do ano para as próximas turmas que viriam aprender a velejar.

Esta foi a primeira e única reunião
para conduzir as atividades da minha gestão.
A última reunião foi para agradecer o bom trabalho realizado.

Na época, Maria da Graça Sobrinho, a Graça, trabalhava na Secretaria da EVBL e conduzia as inscrições e a disciplina de todos os frequentadores como se fosse na casa dela, ou seja, com postura, carinho e educação conseguia manter o ambiente em ordem e com alegria. O Ângelo Menegassi, juntamente com o Flávio “Fafi” Só Fernandes, monitoravam as ações do aprendizado, organizando todas as atividades, desde lecionar a teoria nas salas de aula até acompanhar com o sapo (bote inflável com motor de popa) os alunos nas aulas práticas de vela. Também colaboraram para organizar novas atividades, tal como rebocar e atracar uma balsa flutuante, existente no porto, que havíamos solicitado por

Da esquerda para direita: Mª da Graça Sobrinho, secretária da EVBL, Thomas Burger, Eduardo Bojunga, Angelo Menegassi e Newton Martins Rocha Jr.

empréstimo a Comodoria para servir de base de apoio da instrução aos velejadores, servindo também como ponto de partida para regatas, uma solução que reduziu o custo de gasolina dos botes e serviu como um " bote extra" estacionário, ampliando o apoio a todos os alunos.

Como o prédio da escola está sempre bem conservado e minha vocação é deixar tudo o mais conservado possível, então verifiquei que os lemes, bolinas e alguns barcos mereciam reformas, pois estavam bem detonados em função do uso constante.

Juntamente com alguns monitores da época, lixamos as peças, reconstituímos o formato original e pintamos com esmalte poliuretano. Os alunos que utilizaram os barcos para velejar ficaram satisfeitos em poder aprender com um equipamento novinho e o cuidado foi maior para evitar novas avarias.

O aprendizado da minha passagem pela EVBL foi ótimo, pois precisava lidar com a Comodoria do clube, reportando as questões financeiras e econômicas da EVBL, com a equipe de trabalho e interagir com os alunos e seus parentes, promover as festas de encerramento de cada curso, resolver questões imprevistas de forma a sempre buscar o consenso e com isso ampliei minha visão de como funciona a estrutura organizacional de uma instituição como a EVBL e o Clube dos Jangadeiros. Ao final da minha gestão, agradeci muito o empenho de toda a equipe e desejei que a EVBL continue sempre com uma ótima energia, cumprindo sua missão de aprendizado da vela e de respeito ao próximo dentro da água".

Erika **LESSMANN**

ex-diretora da EVBL

Nos anos 1970 velejar era um esporte masculino e, em barcos de Oceano, mulher a bordo dava azar. Meu pai, que adorava velejar, comprou um Pinguim para os meus irmãos, mas eles nunca se interessaram em competir.

Eu comecei a velejar aos 13 anos e me apaixonei pela vela. Mais tarde meus irmãos mais novos também aderiram à vela com o nosso Optimist, chamado "Pessimist". Éramos sócios do Yacht Club Santo Amaro/YCSA na represa de Guarapiranga, em São Paulo. Eu ia para o clube esquiar, mas acabava sempre com a turma do Pinguim. Saíamos logo cedo na represa lisinha e limpa, até que o vento entrava...e aí voltávamos para o clube para os outros barcos velejarem. Eu admirava duas velejadoras da época, a Patzy Buser e Domi Ruprecht. Um dia criei coragem e decidi pegar o Pinguim dos meus irmãos, o BL 8176. Convidei uma prima e lá fomos nós para a água na esteira dos velejadores experientes. O pessoal zoava comigo, diziam para baixar a bolina no popa e levantar na orça, mas eu, muito guerreira, logo peguei o jeito do barco e nunca virei. Meu pai ficou muito orgulhoso com meu sucesso e comprou do Gunnar Ficker o "Corumi V"- BL 8866, em troca de uma moto que os pais dele não queriam que tivesse.

Sou muito grata ao Gunnar e não só pelo barco. Um dia ele me chamou de Bolota, nome de uma personagem de gibi, uma menina

loira e forte. O apelido pegou e, como parte da compra do barco, corri o Mundial de Pinguim de 1974 na proa do Gunnar, em Niterói.

Logo comecei a me classificar para os campeonatos brasileiros, sul americanos e mundais. Na época não existia uma eliminatória para o Feminino e eu tinha que me classificar na flotilha masculina e precisava ganhar dos meninos nos campeonatos, o que era inspirador. O pessoal todo viajava de ônibus – e a Bolota e a proeira iam junto.

Nossa viagem para o Sul Americano 1973, na Argentina, foi uma aventura: o pessoal do Rio, de Brasília e São Paulo se reuniu e fomos todos juntos para Buenos Aires. Foi divertidíssimo, mas quase destruímos o ônibus! Até hoje dou risada sozinha ao lembrar os momentos hilariantes...

que vivemos nessa longa viagem. Nesses eventos eu recebia o prêmio de primeira Feminino com poucas competidoras.

Após um campeonato em Buenos Aires, dois velejadores argentinos voltaram comigo até Porto Alegre. Como a verba de viagem deles era curta, pensamos em arranjar hospedagem no Clube dos Jangadeiros, mas chegamos tarde da noite e não havia ninguém, então fomos até a ilha e dormimos na Escola de Vela ainda em construção. Ali começou o meu sonho de um dia trabalhar nessa escola, pois além de atuar numa área que era a minha paixão, eu tinha um carinho especial pelo Jangadeiros e por toda a turma de pinguinistas do clube: Luiz Alberto 'Chumbico' Aydos, Carlos Alberto 'Cabeco' Aydos, Hilton Piccolo, Luiz Eduardo 'Dodô' Paradeda, Victor Hugo Schneider, Cícero Hartmann e muitos outros.

Quando terminei o colegial, fui para a Alemanha com o objetivo de me aprofundar em alguma área de estudo envolvendo iatismo, mas chegando lá descobri que essa era apenas uma matéria em um curso superior. Desiludida com essa perspectiva, acabei indo parar na federação alemã, a DSV (Deutscher Segler Verband), onde tive oportunidade de trabalhar no Campeonato Mundial de 1977 da Classe Star. Havia mais de 100 barcos na linha e Dennis Conner ganhou todas as regatas. Foi assistindo aquelas largadas que me apaixonei eternamente pela classe Star. Trabalhei também nas Semanas de Kiel e fui assistente dos treinos olímpicos, viajando com a equipe alemã de 470.

Entre os eventos inesquecíveis desse período, lembro de um campeonato de Tornado em Garda (Itália), que foi um espetáculo devido ao cenário, o vento intenso e a velocidade dos barcos. E um campeonato de Snipe na Dinamarca, onde passei alguns dias na companhia de gente finíssima do Jangadeiros e Veleiros do Sul: o Boris e a Graça Ostergren, o Marco e a Marga Paradeda.

Sempre tive muito carinho e admiração pelo pessoal do Janga, não só pela longa tradição na vela, mas a paixão pelo esporte, a dedicação ao desenvolvimento dos velejadores, desde pequenos, e o envolvimento na construção de barcos, velas e equipamentos náuticos, a construção da ilha e a maravilhosa Escola de Vela Barra Limpa.

Apesar de adorar meu trabalho em Kiel, representei o Brasil no pré-evento do primeiro Mundial Feminino de Laser em Hayling Island, na Inglaterra. Mas tive um problema no joelho e fiz várias operações que me obrigaram a ficar no estaleiro por uns tempos e, no inverno, fui ser pintora de cerâmica numa ilha do Mar do Norte, consequência dos

desenhos elaborados que fiz no meu gesso, mas no fim das contas a saudade me levou de volta ao Brasil. Assim que cheguei a São Paulo, fui convidada para trabalhar na Federação Paulista de Vela/FPV, onde Eduardo de Souza Ramos, o presidente, assinou minha carteira de trabalho nesse meu primeiro emprego oficial no Brasil.

Logo ficou claro que o escritório não era a minha praia. Então, um dia, encontrei o Marco Aurélio Paradeda no YCSA e ele comentou que a escola de vela do Jangadeiros (aquela dos meus sonhos) estava procurando uma diretora. Imediatamente me candidatei e não demorou para que eu recebesse o convite para ir trabalhar lá. Pedi demissão da FPV e fui para Porto Alegre, onde a Marga Paradeda me conseguiu o lugar mais lindo do mundo para morar: a casa do jardim da Frau Jungmann na Vila Conceição.

**Meu quartinho era o lugar mais aconchegante,
com a vista do famoso por do sol no Guaíba
e eu estava nas nuvens.**

Na época, o clube estava construindo uma ilha artificial para acomodar a marina e a sede com piscina. As obras ainda estavam em andamento e a escola pronta e em funcionamento, onde os professores Cavalcante e Margaret eram um time muito bacana e dedicado. Tínhamos vários alunos, dos quais me lembro até hoje, embora não recorde dos nomes; outros marcaram a minha passagem na época, a Marga e o Marco, com os pequenos Rafa e Kuki, o Cícero Hartmann, o Dodão, pequeninho e lourinho, o Victor Hugo, Hilton, Cabeco, Chumbico, Márcio, Edmundo e Aimée.

E aquele ambiente do final da tarde no restaurante do clube... era o máximo!

Acompanhando de perto o trabalho da escola, na formação dos velejadores mirins, eu aprendi muita coisa e adquiri grande respeito pela família Hunsche por ter apoiado e viabilizado a escola de vela.

Integrar a equipe da Barra Limpa foi um marco na minha vida e só me desliguei porque...me apaixonei e decidi seguir meu coração. Acho que nunca me desculpei devidamente por isso perante as pessoas maravilhosas que confiaram em mim, então aproveito para dizer que sou eternamente grata a todos por esse capítulo da minha vida. A curta passagem pela Barra Limpa foi um momento muito feliz e eu me sinto muito honrada por ter feito parte do início da escola.

Lamento muitíssimo ter deixado meus amigos na mão, naquela ocasião, mas não me arrependo de ter seguido meu impulso, pois vivi anos muito felizes. E nada disso teria acontecido se não fosse a Escola de Vela Barra Limpa.

Quero registrar aqui meus agradecimentos mais sinceros a Edmundo e Aimée Soares, Marga e Marco Aurélio Paradeda, a todos os sócios e à equipe do Clube dos Jangadeiros. Vocês vão morar para sempre no meu coração junto com o pôr- do-sol no Guaíba.

Eduardo **PELLANDA**

ex-aluno da Escola de Vela Barra Limpa,
pesquisador e professor da PUCRS e
velejador da classe Oceano.

“Ingressei em 1981 na Escola de Vela Barra Limpa, com nove anos de idade. Meu pai, Luiz Ernesto, comprou o título do Clube no mesmo ano e foi colaborador intenso da Flotilha da Jangada e do Clube. Velejei até perto dos 15 anos e depois ainda cheguei a correr regatas de Pinguim e de Oceano com meu tio Aristóteles Bourscheid, que foi outro grande incentivador.

Fiquei um tempo afastado do Janga para tocar minha carreira de professor e pesquisador na PUCRS. Voltei mesmo em 2013, quando comprei um Delta 26 do meu tio, que tinha um significado muito especial para a nossa família. Dois anos depois, trocamos para um Delta 32 e no ano passado construímos do zero um Delta 36, o Il Maestro, que ficou como sonhávamos. Minha esposa, Magda Cunha, é a grande incentivadora para voltar ao Clube e velejar”.

Recentemente, acompanhando um grupo de crianças que participaram de uma Aula Experimental de Vela na Escola de Vela Barra Limpa, entre elas seu sobrinho Rodrigo Pellanda, filho do irmão Roberto, Eduardo ficou impressionado com a seriedade com que os alunos encararam as aulas e as tarefas, ao mesmo tempo em que se mostravam orgulhosos pelas conquistas:

“Foi isso que eu senti aos nove anos, é uma sensação que fica para a vida. Eu era uma criança agitada e cheia de energia, a Escola e a vela me ensinaram a ter paciência e entender a natureza, além da responsabilidade de ser comandante da sua própria embarcação.

São aprendizados que eu levei para toda a vida e me transformaram como pessoa. Ao voltar para a vela me lembrei de como foram importantes esses anos da minha infância e adolescência.

Meu sobrinho, o Rodrigo Pellanda, veleja conosco no Il Maestro e no Tanictis e pegou gosto. Fez a aula experimental, adorou e já está matriculado. Vai ser muito legal ver ele tendo esses mesmos aprendizados para a vida”.

Michael **WEINSCHENCK**

ex-Diretor da EVBL

Fui comodoro do Clube nos anos 2000/2001, onde, junto com minha excelente equipe de vice-comodoros, fizemos uma gestão bem apreciada pelos sócios, com muitas obras, eventos esportivos e sociais, conquistas esportivas etc.

Nessa época, convidei o Dr. Wagner Michael Pereira para ser o diretor da Escola de Vela Barra Limpa. Ele disse: -“Como posso aceitar esse cargo se entendo tão pouco de vela?”. Eu respondi: -“você entende de instituição de ensino e de gestão de pessoas”. E eu não podia estar mais certo. Seu entusiasmo, aliado a suas capacidades, fizeram com que sua gestão fosse ótima.

Alguns anos depois, meu amigo Cláudio Mika da Silva, que foi vice-comodoro de vela em minha gestão, me convidou para ajudá-lo, assumindo a diretoria da EVBL. E eu aceitei. Se já havia sido comodoro, não poderia negar essa tarefa.

Percebi então, com o passar dos dias, que a Escola de Vela era alguma coisa bem diferente do clube. E notei que as comodorias (inclusive a minha) e gerências do clube não enxergavam a escola na sua totalidade, não percebiam o quanto ela é importante para o clube.

VAMOS TODOS PRESTAR MAIS ATENÇÃO
À ESCOLA DE VELA BARRA LIMPA.
VALE A PENA!!!

A EVBL é parte do clube, mas tem objetivos bem diferentes. E não necessariamente é importante para muitos dos sócios. É uma instituição de ensino com professores ensinando crianças a se formarem jovens e adultos, aprendendo o trabalho em equipe e estratégias, a conhecer seus direitos e lutar por eles, a se divertir junto à natureza em ambiente saudável e, também, a competir, perder e ganhar.

Minha experiência e desafio foi procurar integrar a gestão do clube com a gestão da escola e mostrar que o resultado social dessa instituição transcende o resultado econômico, mostrar a importância de valorizar os professores e funcionários que trabalham na EVBL.

O prédio lindo da escola é o corpo, mas as pessoas são a alma.

Priscila **Trainini Hony PLENTZ**

ex-Diretora da EVBL

Estive brevemente como diretora da Escola de Vela Barra Limpa, com muito orgulho e vontade de fazer esse esporte crescer e se multiplicar.

Trabalhei bastante para tocarmos o barco da nossa estimada EVBL.

Sou uma apaixonada por tudo que envolve a vela e, principalmente, a parte que mistura o esporte com as crianças. Acredito muito no que tentamos fazer, que era tornar a Escola mais lúdica, com um espaço onde as crianças tivessem vontade de estar, levassem os amigos e, consequentemente, ficassem ainda mais envolvidos com esse mundo da vela que fica num cantinho especial da ilha, movimentando-o, seja inverno ou verão. Tenhamos chuva ou sol, lá estão eles, nossos queridos velejadores, fazendo aquela engrenagem funcionar.

A EVBL, desde quando foi fundada, carrega em si uma história linda de amor e esperança e meu sentimento é sempre este: toda vez que passo por ali e vejo dezenas de barcos esperando na rampa e crianças correndo para lá e para cá, me emociono. Nunca consegui ficar imune a este sentimento.

Durante a gestão, eu e Alexandre Paradeda, que era o vice-comodoro esportivo, buscamos criar espaços recreativos dentro e em torno da escola, com cancha de vôlei de praia, mesa de ping-pong, pebolim, computador com jogos de regatas e até um espaço kids, com tapetinhos de borracha e livros infanto-juvenis. As crianças, na época, adoravam! O ponto de encontro, que era a piscina, passou a ser na nossa Escola nos dias mais feios, o que nos trazia extrema alegria. E foi assim, com esses objetivos e ações, que encerramos nossa jornada.

Hoje, vejo que outros trabalhos se seguiram com novas ideias e que a Escola, como sempre e cada vez mais, vem povoando nosso pátio com um monte de novos rostinhos e mais velas panejando.

Parabéns a todos aqueles que tiveram e têm a coragem de se engajar nesse projeto da Escola, que é sempre o maior desafio do nosso clube, pois ali está o plantio para novas gerações de vela campeã. É preciso muito envolvimento e amor por tudo isto para estar à frente da direção da Escola de Vela.

Quanto a mim, só tenho a agradecer a todos os professores e funcionários da EVBL, amigos que me apoiaram e estiveram ao meu lado, sempre trabalhando para que as coisas dessem certo e funcionassem, abrilhantando a trajetória da nossa querida Escola de Vela Barra Limpa.

Wagner Michael PEREIRA

ex-Diretor da EVBL

Acredito que despertei para o mundo da água antes mesmo do nascimento. Minha família materna morava em São José do Norte (RS) e o cheiro de mar da cidade “papa-terra” veio em mim impregnado desde cedo. Tive o meu primeiro enjoo quando, recém-nascido, fui embalado no colo de minha mãe, doença cinética que me persegue até hoje, fazendo minha convivência com as ondas não ser das mais agradáveis.

Depois, já menino, morávamos em Pelotas e eu ficava maravilhado com o Laranjal porque aquilo, para mim, era o meu grande mar, a liberdade do horizonte infinito, do sol franzindo meu cenho e do vento, ah o vento passando pelos meus braços e me elevando aos céus nos sonhos vertiginosos de azuis e brancos. Passei toda a vida procurando o vento, os barcos, as velas enfunadas, tremuladas, panejando e só as pude encontrar quando meu amigo e colega de faculdade, Afonso Pereira, me apresentou o Clube dos Jangadeiros.

Pela primeira vez tomei contato com os velhos marujos e os não tão velhos, junto com sua linguagem peculiar. Já era quarentão e, para me enturmar, fingia entender tudo que eles diziam nas conversas animadas dos churrascos das terças-feiras numa quase garagem, com uma mesa comprida, onde gatos dormiam toda a semana, faziam suas necessidades, sem cadeiras, sem pratos, só farinha, garfo e faca, na “tauba”. Assavam costela sempre, não tinha outra carne; muita cerveja e vinho. Eu, como médico, ficava horrorizado com a contaminação. Barlavento, Sotavento, cambar, jaibe, retranca, amurado por boreste, soavam como palavrões, mas eu estava ali, com eles, e era o que bastava. Quase briguei um dia, quando quiseram enfiar a retranca no meu garlindéu, logo no meu.

Em 2001, num distúrbio de comportamento até hoje inexplicável do Comodoro Michael Weinschenck, fui convidado para ser diretor da Escola de Vela Barra Limpa. A mim faltavam todos os predicados que o cargo exigia, não tinha nenhuma experiência com a vela, mas uma enorme vontade de aprender e trabalhar. Como médico, sabia ouvir, auscultar as queixas, as necessidades, sabia examinar as dificuldades, presumia diagnósticos, planejava a via de acesso e metia o bisturi, o tratamento que eu imaginava adequado. Pois quando a gente só tem um martelo como ferramenta, tudo fica parecido com pregos.

A maior dificuldade de um gestor, treinador, guia, é o material humano, o resto a gente se vira. Quando conheci o pessoal que ia trabalhar comigo, fiquei admirado. Todos tinham titulação em eventos esportivos nacionais e internacionais, experiência com crianças, capacidade docente e humildade. Pensei, só não devo atrapalhar. A medicina me ensinou a trabalhar em grupo e a humildade as doenças me ensinaram. Uma escola de vela nascida de uma dor profunda, de uma tragédia imensa da perda de um grande menino por uma família, transformada a dor em sentimento bom, educador, renovador, perpétuo, luminoso. Que responsabilidade, ainda hoje me arrepio quando penso.

Comprei um computador, uma impressora, ligamos uma internet com muita dificuldade porque o fio era puxado do continente pela ponte até a nossa sede. Cadastramos os alunos, quantificamos as

necessidades; em vez de imprimirmos as apostilas, enviávamos por e-mail para conter gastos e fomos trabalhar. Planejávamos, executávamos, verificávamos a eficácia e voltávamos a planejar. Levantamento de custos, adequação do orçamento. Desenvolvemos os cursos de mestre amador e capitão amador que faltavam à escola naquele momento. Aprendi com todos que uma aula sempre pode ser melhor, uma apostila nunca fica pronta e que podemos evoluir com o convívio e compartilhar conhecimentos.

Foi uma das maiores experiências da minha vida. Tive barco, andei por este Guaíba, me diverti muito, enjoei muito mais, dormi com os Dramins da vida, vomitei como poucos. Uso até hoje o que vivi lá na escola na minha vida profissional. Sinto uma dor infinita, fininha, de saudade daquele tempo toda vez que passo ou entro na escola para mostrar para o meu filho a placa com meu nome no quadro de diretores. Quando retiro hoje o coração de um paciente num transplante, vejo aquele vazio que o órgão ocupava, sinto medo, pavor e ansiedade que o outro coração não bata, não funcione. Paro, penso na dor da perda, penso na Barra Limpa, minha escola por tão pouco tempo, penso na equipe que me rodeia, penso no vento, no barco, penso no cheiro do mar, volta a confiança e completo meu trabalho. A vida é assim, sempre passa, ligeirinha, sem avisar, ficam as lembranças boas.

“Eu realmente não sei por que é que todos nós estamos tão comprometidos com o mar, exceto que eu acho que é porque, além do fato de que o mar mudar e a luz mudar e os navios mudarem, é porque todos nós viemos do mar. E é um fato biológico interessante que todos nós temos nas nossas veias exatamente a mesma percentagem de sal, em nosso sangue, em nosso suor, em nossas lágrimas. Estamos amarrados ao oceano. E quando voltamos para o mar, seja para navegar ou para assistir, voltamos de onde nos partimos”.

John F. Kennedy, falando na America's Cup em 1962.

Marga Siegmann **PARADEDA**

ex-Diretora da EVBL

Escrever sobre a Escola de Vela Barra Limpa é algo que me traz um imenso orgulho. É mergulhar fundo no passado outra vez, é rever na alma a história do Clube dos Jangadeiros.

É “pensar grande”,

pensar na importância da EVBL, lembrar o que sempre significou o momento de sua implantação, desde a doação, o início da sua trajetória, sua importância na vida dos jovens que a frequentaram, suas vitórias e os resultados conquistados até os dias de hoje.

Desde pequena conhecia a família Hunsche e foi com a Carla, a irmã (do meio) do Walter, o Barra Limpa, que vivi intensamente a adolescência e a juventude. Sendo assim, tive uma relação muito próxima com todos. Da mesma forma, meu pai, Edgar Willy Siegmann, parceiro profissional do Sr. Werner Hunsche, pois ambos tinham em comum trabalho e negócios, além de uma amizade de muitos anos.

Certo dia, a tragédia da perda do velejador campeão brasileiro, o Barra Limpa, abalou a família, os amigos e a todos nós, sócios do clube. Naquela época, eu estava grávida do Rafael e tinha a Andrea já com um ano e meio. Acompanhamos juntos todo aquele pesadelo que gerou uma grande perda para todos nós.

Passado algum tempo, meu pai, Edgar, sugeriu ao Sr. Werner, o qual reconhecia o prazer e a felicidade com que o filho Walter vivia o Clube dos Jangadeiros, que deixasse um legado em seu nome, doando uma escola de vela que muito poderia fazer pelo desenvolvimento da vela e influir positivamente na vida de muitos jovens.

Meu pai sempre esteve intimamente ligado às atividades do clube por ser uma pessoa muito idealizadora, com forte liderança, e enxergou naquele triste episódio uma forma de perpetuar o exemplo do Barra Limpa com a criação da escola e, ao mesmo tempo, consolidar mais ainda a cultura do esporte da vela no Clube dos Jangadeiros.

O prédio da escola de vela, por ser a primeira construção na ilha, simboliza a sua ocupação efetiva, empreendimento grandioso que foi o resultado do trabalho incansável de uma geração de dirigentes do clube, da qual meu pai participou intensamente com Geraldo Tollens Linck e tantos outros, deixando esta herança inacreditável e fantástica que é a Ilha dos Jangadeiros, nossa grande realidade de hoje, nosso lugar, nosso espaço mágico disputado e aproveitado pelos sócios e pelas nossas crianças.

Meu momento na escola de vela como diretora, acompanhando o Sr. Arno Uhr, foi breve, mas intenso, compensador e, por que não dizer, cheio de emoções. Assim, digamos que a trajetória, o trabalho que podemos realizar pelo clube e pela escola de vela é quase um dever de todos nós, associados, para termos um Jangadeiros cada vez melhor.

Henrique **FREITAS**

ex-Diretor da EVBL

O trabalho com os jovens, sobretudo as crianças, é algo fascinante! Ali por 2012, 2013, tive a oportunidade de cooperar com a EVBL juntamente com o Dr. Marcelo Kern, bom amigo, médico, pai, que procurava alavancar as atividades em si.

Procuramos, na época, formalizar a atividade de diversos integrantes da equipe, revendo os contratos e a forma de operar, toda a grade de serviços ofertados aos sócios, reorganizando os espaços, sobretudo nos galpões, disciplinando e redistribuindo por modalidades, tamanhos, etc.

Da mesma forma, organizamos em algum momento um grande evento para associados, pais e jovens velejadores e toda a criançada, que foi muito bem sucedido!

Igualmente fizemos com que as competições de aniversário e final de ano ocorressem ali bem pertinho da ilha, com os pais todos assistindo na sombra do arvoredo seus filhos salutarmente competirem. Foi muito lindo!

E para surpresa, ainda, o vencedor do Troféu Barra Limpa foi o Gabriel Kern, e sem marmelada alguma, hehe! Com méritos e total alegria na hora da premiação.

É lindo poder ver a criançada entrar ali com pouquíssima idade e irem se transformando em jovens bonitos, bem inseridos na sociedade, competindo em alto nível, ou meramente competindo, estudando, avançando sua vida. Dá muito orgulho aos pais e a todos nós.

Muito há por fazer. Na época definimos uma atenção especial aos nossos atletas olímpicos e foi muito bom. Com a família, fomos assistir as competições de vela em Londres (Olimpíada de Londres). Tudo Muito Especial!

André **BECKER**

ex-Diretor da EVBL

NA ESCOLA DE VELA **BARRA LIMPA**

Meu primeiro contato com a Escola foi como aluno, em 1979, com os professores Cavalcante e Margaret e uma monitora, a Mabê, num curso bem organizado, com bons barcos e método, sábados e domingos de manhã e à tarde, por seis finais de semana. Eu vinha de experiências vibrantes de vela com meus amigos Cláudio Müller, seu primo Thomas Burger com seu proeiro André Hass.

Experimentava de tudo: Laser, Windsurfe, Snipe, Pinguim e me descobri neste meio novo, deslumbrante da vela.

A EVBL tem um aroma característico, que é inconfundível. O prédio é charmoso, o local é lindo, tem o astral do Barra Limpa e é como uma pirâmide, um polo de muita energia, nas salas de aula, no sótão e, especialmente na cozinha, melhor ainda: domingo de manhã cedo, na primavera, olhando pela janela da cozinha e ver o vento sul entrando, de início tímido, depois firme num rio quase liso e dourado pelo sol e ainda mais emoldurado pelo verde da ilha.

Dali em diante, nunca mais fiquei longe, fiz nível I, nível II, introdução às regatas com o Fedoca e o Marco Aurélio, fiz a salvatagem no Campeonato Brasileiro de Pinguim e muito mais.

Anos mais tarde, novamente pela mão de meu padrinho na vela, Cláudio Müller, fui convidado a ajudar como monitor voluntário no curso para adultos. Era a gestão do Kurt (Neni) Keller como diretor e a Escola estava numa fase muito vibrante. Tínhamos a Alessandra e a Fátima como professoras do Optimist e nós ficamos com os adultos. Recebemos todo o apoio do Neni e tivemos alunos ótimos, muitos e muitos se tornaram sócios do clube e são amigos desde então. A secretária era a Aglaé, uma figura, e o secretário esportivo, o Virgílio, muito engraçado e piadista. O “Tota” foi contratado para dar aulas de oceano e cruzeiro no Ranger 22, o “Barra Limpa”, recém adquirido. Formávamos um time bem divertido.

Nesta época, um espanhol de Menorca, Jaime Cortez Timonner, passou um tempo na Escola, fazendo um intensivo conosco. Era marinheiro de profissão, mas não havia aprendido a velejar.

Seguimos na monitoria na gestão seguinte, do Chico Freitas, onde fomos contratados como instrutores e recebemos um reforço de primeira com o queridíssimo Newton Rocha, o Newtinho, o qual era capaz de velejar qualquer coisa, sem as mãos, de olhos vendados e plantando bananeira sem perder o rumo ou a velocidade. Incrível! Era, também, muito engraçado. Nessa época, tive muitos alunos geniais, por exemplo: Caroline Boening, de 14 anos, e seu irmãozinho Henry, de 11 ou 12 anos. Queridos, espertos e dedicados, em pouco tempo viraram nossos mascotes. A Carol se tornou monitora, depois instrutora, e hoje em dia é uma referência no ensino da vela no Sul. Já o Maguilinha, hoje Maguila, é um velejador profissional, internacionalmente conhecido, parceiro de Dino Pascolatto, Robert Scheidt, Bruno Prada e Jorge Zarif entre outros ases da vela mundial.

Muitos anos depois, no aeroporto de Salvador, eu estava sentado, esperando um vôo muito atrasado, e tive os olhos tapados por alguém que gritava: -“ Este cara salvou a minha vida!” Vi depois que era Jorge Alderette, ex-funcionário da VARIG, que tinha feito vários cursos

conosco, junto com seu filho, o “Frajola”, e que vinha há tempos fazendo charters profissionalmente pelo Brasil e pelo mundo afora.

Ainda na gestão, foi contratado um secretário jovem no lugar da Aglaé, o Paulo, “Rei da Macarena”, outra figura! Muitas vezes, nos fins de tarde, depois de os alunos irem embora, levávamos todos da escola, instrutores e secretários, para uma velejada saideira no Day Sailer, terapêutica muito divertida. Levávamos VHF, lanternas, chocolates, biscoitos e muita conversa. Em alguns cursos com o Day Sailer ou o O'Day 15, a tarefa do final de tarde era comprar pães frescos e quentinhos numa padaria da rua central de Guaíba. Em geral, o pão, os sonhos e biscoitos não sobreviviam à travessia.

Em cursos para crianças, com pernoite na Escola, com montes de crianças que se negavam a dormir, pudemos acordá-los pela manhã ao som de rancheiras, apitos e cornetas de verdade.

Tivemos velejadas de Optimist na piscina, muito divertidas.

De início, passamos a receber vale refeição do clube, que servia para restaurantes comerciais do bairro; depois, passou a existir um refeitório anexo ao restaurante do continente e fazíamos as refeições com os funcionários do clube, os quais estranharam um pouco no começo, pois éramos sócios e usuários do clube há anos, mas isso acabou sendo muito bom para uma integração que dura até hoje. Amizade, confiança e respeito dentro e fora d'água.

Finda a gestão de Francisco Freitas na diretoria, o Comodoro Paulo Renato Paradeda me convidou para assumir a direção da Escola. Fiquei muito honrado e aceitei. Entre os objetivos da comodoria estavam o aumento de novos sócios e a viabilidade econômica.

Fizemos cursos em três turnos no verão e cursos teóricos noturnos (Arrais, Mestre, GPS) nos meses frios. Contratamos como secretária a Maria da Graça Sobrinho, a Graça, e como monitores Luciane, a Luti, o Rodrigo Menegassi (Poderoso), e o Márcio (Paiakan) Becker. Criatividade não faltava. Tivemos curso internacional para juízes da ISAF, coordenado pelo Nelson Ilha, e curso para Capitão Amador.

Uma ideia simples se converteu numa jogada de mestre: no inverno, poucos alunos no final de semana, algumas crianças no Optimist III durante a semana e cursos à noite. Que tal um curso de inverno de decoração náutica? Esta foi a ideia que tive, pois já havia algum tempo que, inspirado nos livros de nós, que apreciava desde escoteiro, e por um catálogo de uma feira de decoração náutica, a “Nauticália”, eu fazia quadros de nós, chaveiros, abajures e molduras. O curso ficou marcado para uma sexta-feira à tarde. Um pobre e único menino do Optimist se inscreveu e o resto...sete ou oito sócias, esposas de velejadores. O menino preferiu não ficar, mas as senhoras permaneceram. Começamos pelos nós, suas formas, seus usos, molduras, com chá e bolinhos, e a conversa começou. Algo que surgiu na conversa foi que muitas delas não se sentiam confortáveis em acompanhar os maridos em velejadas de barcos de cruzeiro por receio de errar, não saber subir ou descer do barco de forma elegante, ou de ajudar na atracação e amarração do barco. Então migramos para um pouco de marinharia e, na sexta-feira seguinte, um dos nossos marinheiros trouxe o barco da comissão de regatas, o “Leopoldo Geyer”, para o trapiche da Escola.

Treinamos, então, embarcar e desembarcar elegantemente, atracar e desatracar. Amarração, volta de fiel, nó de cunho, etc... O resultado foi rápido

Algumas se animaram a acompanhar os maridos em navegadas nos dias seguintes, com segurança e bom desempenho, pois acontece que certos maridos eram ainda um pouco verdes e isto deixava o ambiente mais tenso. O bom desempenho das marujas acalmou a situação e acabou tudo ótimo. Quatro ou cinco delas fizeram cursos de vela depois e todas continuaram acompanhando os maridos nas velejadas. Uma delas, com sua família, teve uma grife náutica por muitos anos. Seu marido e o filho, um bem sucedido estaleiro.

No inverno também criamos um curso noturno de GPS, aparelho difícil de manejar com a tecnologia da época. Tínhamos aulas teóricas, mas também treino prático embarcado. Junto com um marinheiro do clube, colocávamos boias n'água ao entardecer e marcávamos sua posição no GPS para treinar uma navegação de resgate à noite com os alunos a bordo dos barcos “Leopoldo Geyer” e “Mestre Dorival”. Um sucesso, com presença maciça de sócios e outros alunos. Foi bem divertido navegar em noites durante a semana, com chuvisqueiro, ao invés de ficar em casa vendo TV.

Fizemos eventos itinerantes, acompanhando a Flotilha Gaúcha de Laser, uma associação independente de velejadores de vários clubes, em especial o SAVA Clube. Com o apoio do Jangadeiros, levamos barcos a eventos em Caxias do Sul, Imbé, Arambaré, São Lourenço do Sul, Guaíba e outros. Em vários, além dos Lasers, levamos também a flotilha de HC 14. Tivemos ampla cobertura da imprensa local. Adicionamos à nossa flotilha outro Ranger 22, adquirido pela comodoria, batizado de “Águia Real”, também um novo Day Sailer, o “Batuta”, além do “Rajada”, do “Cyclone”, de um Snipe, o “Potatoes”, do saudoso Marcelo (Potatoes) Reckziegel, doado por seu seu pai Fiti, de um O'Day 15, o “Shane” e de um HC 14, seis Lasers, um Dingue, um 420, dois Slicks, três pranchas a vela e muitos Optimists. O Felipe Loss (Susto), além da vela de oceano,

André Becker, Alicie Hunsche, Marília Motta e Werner Hunsche

organizou cursos de Windsurfe e também tivemos “Jangadinhas”, colônias de férias para os pequenos no verão.

A legislação da Marinha mudou e passou a exigir aulas prática de Arrais nas suas provas e precisamos nos adaptar.

Marília, minha mulher, era da Flotilha de Laser e, em conjunto com a FEVERS e apoio do Governo do Estado, em especial do Secretário de Esportes, o Arataca, organizou duas Clínicas de Vela e Regatas-Laser com nosso campeão olímpico Robert Scheidt. Evento de nível internacional, de alta qualidade e com repercussão maciça. Num deles, trabalhei pilotando a lancha para o Robert e foi fantástico! Cobertura de jornais e TV diariamente, capa e contracapa na mesma edição por onze dias.

Tivemos o aniversário de 21 anos da EVBL com o casal Hunsche e Robert Scheidt presentes e com muita festa. Em certo momento, com muito trabalho e um nenê (Isabel) já encaminhado, precisei de mais ajuda. Contratamos então o Ângelo Menegassi, velejador muito experiente, para instrutor e ele ficou muitos anos na Escola. A Carol também ficou conosco e o Gustavo Franceschini entrou como monitor, depois instrutor, e acabou mais tarde casando com a Luti. Recebemos, ainda, a inestimável ajuda de Vivian Leke, prata da casa e velejadora internacional, no treinamento para regatas dos Optimist avançados.

Pouco tempo depois, deixei a Escola, mas ficou no meu lugar um querido amigo, que já estava dando aulas no Ranger 22, o Thomas Burger.

Outra participação minha foi como vice comodoro esportivo, na indicação de um sucessor para o Wagner Michael Pereira,que também teve de deixar a Escola. Era inverno e, caminhando numa tarde fria e

ventosa no estacionamento vazio da ilha, acho que o espírito do Edmundo ou do Barra e/ou Potatoes me assopraram em meio às folhas que voavam...o Fiti!. Sim, o Renato Reckziegel, grande velejador, agregador, experiente e muito querido que, afastado do clube por uma série de problemas e perdas, também precisava da Escola. Pedi a ajuda do Renato Brito, chefe de um clã de velejadores, e de Carlos Henrique de Lorenzi, o Dedá, e armamos um almoço numa quarta-feira no restaurante da ilha, em pleno inverno. A chuva prevista não veio e um sol lindo apareceu. O Fiti não sabia de nada. Então começamos:-"Sabes que tens feito falta aqui no clube..." o Fiti: -"É, não sou mais sócio e tenho viajado bastante". Nós: -"Precisamos de uma ajuda tua". Fiti:-"Campeonato?" (Ele sempre ajudava maravilhosamente em campeonatos.) Nós: -"É a Escola de Vela...precisamos de um bom diretor...e achamos que irias dar bem para o cargo..." Fiti: -"Mas nem sou mais sócio". E nós: -"Não é problema". E sacamos de debaixo da mesa uma proposta pronta, com tudo pensado para que ele retornasse normalmente ao clube...e ele não pôde mais dizer que não.

Fez duas belíssimas gestões com muitos novos agregados, como o "Projeto Navegar" que acontecia no Parque Náutico de Porto Alegre, onde a Caroline Boening já fora instrutora. De lá vieram dois alunos que se transformaram em nossos monitores e depois professores: Marcelino Rodrigues Moreira e Samuel Koling Oliveira, mas isso eu vou deixar o próprio Fiti contar.

A Escola de Vela é uma história de amor. Ela é incrível e, uma vez que passamos por lá, nunca mais sai das nossas vidas. Tantas coisas lindas que nem posso contar. Bons Ventos, "Barra"!

Aimée Virgínia B. **SOARES**

ex-Diretora da EVBL

A Escola de Vela Barra Limpa, por todo o seu significado e por tudo que passou a representar para o nosso Clube dos Jangadeiros desde sua criação, sempre foi um lugar em que eu gostava de estar, acompanhando as atividades e ajudando quando possível. Tive o privilégio de testemunhar o ato solene de doação da Escola pelo casal Werner e Alicie Hunsche, o lançamento da pedra fundamental e a linda cerimônia de inauguração do prédio, que foi a primeira construção da nossa ilha.

Em agosto de 1979, a convite da diretoria do clube, fui trabalhar na EVBL, fortalecendo os laços de afeto que já existiam. Encontrei a Escola bem estruturada graças aos que me antecederam. Os professores Cavalcante e Margaret, já veteranos e seguros na lida, foram um ponto de apoio importante e eficaz.

Quando chegou o primeiro verão, 1979/1980, a EVBL conheceu uma incrível movimentação e afluência de alunos devido a uma novela da TV – "Água Viva", cujo galã era velejador de windsurf. De repente o esporte virou moda e todo mundo queria aprender a velejar. Nos finais

de semana, havia fila de interessados junto ao balcão da secretaria da Escola, onde Rose Wondracek Linck e eu procurávamos atender a todos da melhor maneira possível. Chegamos a ter mais de oitenta pessoas em lista de espera. Era uma correria!

Essa situação determinou outros rumos para a Escola. Ficou muito claro que precisávamos aumentar a capacidade de receber alunos e o número de professores nas aulas práticas, apesar da ajuda constante dos velejadores do clube. A EVBL soube ajustar-se à demanda, preparando, através de cursos especiais, novos instrutores que passaram a atuar com a supervisão do Cavalcante e da Margaret. Foi possível realizar, então, cursos e mais cursos práticos e teóricos de vela, navegação e meteorologia, palestras, gincanas, recreação infantil, ginástica masculina e feminina e até acampamentos em que as crianças dormiam na Escola nos fins de semana acompanhados pelos professores.

Lembro, especialmente, da festa do 5° aniversário da EVBL, uma festança que teve a presença do casal Hunsche, muitos alunos, ex-

alunos e familiares além de inúmeros associados, quando o ponto alto da comemoração foi a apresentação da Orquestra Zona Sul, regida pela professora Nara Cirne, que tinha entre seus integrantes, todos moradores da zona sul da cidade, alguns alunos da EVBL, como Maria “Dijá” Krahe, Ciça Kraemer e Beatriz Bento Soares. Era uma linda tarde de verão e a apresentação foi ao ar livre, no lado leste da Escola, com a plateia acomodada em cadeiras e bancos colocados no gramado. Foi um momento muito alegre e inspirador!

Posso dizer que os três anos que estive na Escola de Vela Barra Limpa foram muito produtivos. Para mim, pessoalmente, um belo período: conheci muita gente boa, fiquei mais próxima da meninada e pude colaborar com o meu clube.

Passados muitos anos, estou de novo envolvida com a Escola, numa tarefa que demandou bastante trabalho, mas que gostei de realizar, que foi a organização desta história da EVBL a convite do então diretor Luiz Eduardo Paradeda.

**É um trabalho singelo,
enriquecido pelos depoimentos
de muitos associados, ligados direta
ou indiretamente à EVBL,
que bem atesta a importância da instituição
para o clube e o esporte da vela.**

Nosso infinito agradecimento ao casal Werner e Alicie Hunsche que ofertou ao Clube dos Jangadeiros esse presente de tamanha envergadura. Sempre gosto de dizer que a Escola é a melhor porta de entrada do Jangadeiros, pois atrai para o nosso meio pessoas que amam ou passam a amar a vela, esporte que motivou a fundação do Clube por Leopoldo Geyer no distante ano de 1941.

Luiz Fernando **SCHRAMM**

ex-Diretor da EVBL

Em 15 de março de 2003, entrei na Escola de Vela Barra Limpa, do Clube dos Jangadeiros, pela primeira vez para fazer o curso de vela de monotipo. Eu tinha 63 anos e me apaixonei pelo ambiente, principalmente pelas crianças do Optimist.

Fiz todos os cursos da escola, inclusive Arrais, Mestre e Capitão Amador. A minha ligação era tão grande que, já no decorrer do ano de 2003, comecei a patrocinar a flotilha de Optimist através da Blue Life, patrocínio que mantive por dez anos.

Na primeira gestão do Comodoro Renê Garrafielo, fui convidado para ser o Diretor da EVBL, o que aceitei com grande satisfação, principalmente por permanecer participando desse ambiente, o qual classifico como o mais importante do clube".

Margaret **BIASI**

Primeira Professora
da EVBL

Meu querido Jangadeiros

*M*inha amada Escola de Vela Barra Limpa

Quinze de outubro de 1975, sala da redação da Folha Esportiva...

Wagner Risso conduz Cavalcante e eu pelos corredores até a mesa de Edmundo Soares. Um senhor, com um largo sorriso nos lábios, nos recebe e faz o convite: "Vocês querem trabalhar na Escola de Vela do Jangadeiros"? Sim! É claro que sim. Recém-formados na Faculdade de Educação Física, aquelas palavras chegaram como um presente no dia dos professores.

Agora era partir para o aprendizado. Cavalcante e eu nada sabíamos sobre velejar ou qualquer coisa referente a esse novo mundo: barcos e nomes de suas partes, como montá-los, nós de marinharia, ventos, observação da água, prática de como tudo se une dentro do barco na água. Socorro! A escola inaugura em início de dezembro...

Uma ilha está sendo dragada do fundo do Guaíba e a escola ainda precisa ser terminada. Minha cabeça dá voltas dentro do nosso refúgio na secretaria esportiva do clube. Por ali desfilam nossos professores, todos atenciosos, gentis e cheios de vontade para que aprendamos. Obrigada pela paciência com aqueles dois entes crus de tudo. Edmundo Soares e Kurt Keller se revezam na tarefa de nos levar para águas nunca dantes navegadas. Desastre total. Quem diz que tudo

que pensamos que já sabíamos se encaixaria tão facilmente? Muitos micos e risos, depois começamos a melhorar. Valeu o esforço. Nova etapa, precisamos aprender como usar o “sapo preto”, o barco de apoio para acompanhar os alunos. Mais micos, mais risadas. Enfim, domamos o bicho. Será que estamos prontos? Tomara, os alunos estão chegando.

Conhecemos a professora Helga Piccolo, diretora da Escola. Inspira confiança e competência. Guia, apoia e fala clara e objetivamente sobre como será a partir de agora.

Sinto um frio na barriga, será que conseguiremos? Aos poucos a calma vai se estabelecendo e as informações que guardamos na memória vêm devagarinho à tona. A aula teórica começa e tudo parece natural. Na aula prática, muitos colaboram. Surge gente de todo lado para ajudar. Que lição de vida! Amor ao que se faz e questão de compartilhar o conhecimento!

A partir daí um mundo novo se descortina no meu desenvolvimento como pessoa e profissional. Evoluímos nas orientações dentro d'água, alçamos voo nas observações do tempo e do vento. Bom senso no trato com a natureza. Respeito. Cursos de especialização. Enquanto eu crescia, a Escola também foi se tornando cada vez mais abrangente.

Uma escola que nasceu do reconhecimento de um pai pelo que o espírito da vela, que paira nesse clube, fez pelo amado filho. Obrigada, senhor Werner Hunsche e esposa, pela esperança transformada em ”concreto”, por trazer para outros jovens o que seu filho Walter, nosso “Barra Limpa”, recebeu. Um espaço que acolhe e transforma seres despreparados para observar e interagir com a natureza. Para observar e interagir com outros seres humanos. Ver o mundo sob um novo olhar.

Todos que passaram pela Escola perceberam e incorporaram no seu modo de agir o espírito que paira por todo seu espaço e pelo clube. Ele é benevolente, paciencioso e acolhedor. Faz-nos descobrir o amor pela vela e por tudo que a cerca e se faz necessário para que aconteça um lindo dia de vento. Ecologistas por natureza, muito antes disto virar moda e ter bandeiras desfraldadas

Ensinamentos para a vida, além do prazer de uma velejada consciente.

Estimulados pela liberdade de criar, começamos a fazer gincanas com o intuito de manter presente este modus vivendi.

As gurias,assim como os meninos ,iniciaram a fazer uma preparação física para que a velejada fosse mais eficiente quando competitiva, e prazerosa quando recreativa.

A Escola acolheu em suas dependências o grupo de meninas que competia em Ginástica Rítmica pelo clube. E acolheu também o grupo de senhoras, alegríssimas, que estavam a fim de se reunir e movimentar o corpo pela ginástica e dançar um pouco.

Foi realizado um curso para instrutores de vela com alunos da Escola de Educação Física do IPA. Quatro destes fizeram estágio e

duas foram efetivadas como professoras da Escola de Vela Barra Limpa, Maria Beatriz e Dóris.

A Escola cresceu. Dos poucos barcos, guardados dentro da Escola em cima de pneus, para um galpão. Dos poucos alunos no início para muitas turmas de crianças e adultos. Tornando-se adulta também.

Amadureci junto com a Escola. Mais aprendi do que ensinei. Desde o início professores que me ensinaram muito além de velejar. Obrigada pelas lições de vida: Edmundo Soares, Edgar Siegmann, Kurt Keller, Geraldo Linck, Helga Landgraf Piccolo, Aimée Bento Soares, Marga Paradeda, Erika Lessmann, José Adolfo Paradeda, Renato Reckziegel, Luiz Szabo, Luiz Chagas, o Chaguinhas, o senhor que cuidava do “sapo preto” e que infelizmente não recordo o nome, Alfredo “Fedoca” Correa e todas as gurias e guris que já velejavam no clube e se envolveram de modo tão espontâneo nas aulas da Escola de Vela.

Carrego comigo, ainda hoje, tudo o que despertou em mim naquela época. Continuo atenta às notícias referentes à vela e ao clube. Vibro quando uma boa nova é noticiada. Me orgulho de ter feito parte desse espaço querido. E me exibo, toda vez que posso, dizendo que fui a primeira professora da Escola de Vela Barra Limpa do Clube dos Jangadeiros. Que o espírito que me transformou em um ser melhor e mais atento ao que me cerca permaneça inalterado. Que ele contamine muitos outros que passarem por este lugar encantado.

Meu amor e admiração.

Margaret foi professora da EVBL de 1975 a 1986, junto com João Carlos Correa Cavalcante. Ele permaneceu ainda algum tempo mais. Os dois marcaram sua trajetória pela dedicação e o entusiasmo com que abraçaram o trabalho justamente na fase mais complexa, que foi o início, quando tudo era novidade e experimentação. São figuras inesquecíveis para todos que tiveram a oportunidade de acompanhá-los. Fazem parte da história da EVBL.

Vivian **LEKE**

ex-Diretora da EVBL

Atualmente vivendo em Lindome, pequena cidade ao sul de Gotemburgo/Suécia com o marido e o filho, Vivian Leke, velejadora gaúcha formada em Educação Física, foi Supervisora da Escola de Vela Barra Limpa no período 1988/1990.

Em contato telefônico, Vivian relembrou aqueles tempos, que já vão longe, quando recebeu de Kurt Egon Keller um convite para trabalhar na EVBL. Ela conta:

"Quando comecei na Escola de Vela Barra Limpa, tive de organizar praticamente tudo que se referia a material náutico. No início foi uma 'função'. Por exemplo, um leme não servia em qualquer barco e não havia identificação do material com o respectivo barco e isso dificultava muito na hora da montagem. Os cascos já eram numerados, mas o equipamento, não. Como sempre fui muito metódica, tratei de classificar e numerar tudo.

Com a ajuda dos instrutores, reorganizamos o local de guarda do material e cada barco passou a ter seu equipamento numerado de acordo. Comecei pelos Optimist e depois foi a vez dos Laser e do Day Sailer.

Em seguida me dediquei aos cursos e à metodologia de ensino. Tentei, e consegui, reduzir a parte teórica, principalmente para as crianças, dando prioridade à prática. Velejar é complicado e eu me preocupava sobre como poderia transmitir aos alunos, com segurança, os conhecimentos básicos de vela. Para isso, usei muito o Day Sailer da escola, principalmente nas aulas iniciais de cada curso. Saíamos para velejar com os alunos, fazendo revezamento dos grupos, e demonstrávamos na prática como velejar em vento ao largo, em popa e orça, as velas na posição correta. Muito melhor do que ficar ensinando teoria! A velejada no Day Sailer com o instrutor transmitia mais segurança tanto às crianças como aos adultos, pois, para a maioria, era o primeiro contato com um barco a vela.

Acho que pude usar, com eficiência, os conhecimentos pedagógicos que trouxe da faculdade e a minha experiência em vela para ensinar as crianças de maneira que não se assustassem e se desinteressassem do esporte. Em resumo, foi isto o que fiz na EVBL.Houve um aluno, cujo nome me escapa depois de tantos anos. Era adulto e com deficiência visual muito forte. Aprendeu a velejar e velejava muito bem, mas sempre acompanhado de outros alunos que o ajudavam, já que não conseguia visualizar, por exemplo, a buja nem a biruta do barco. Aqui na Suécia temos o que se chama de 'vela adaptada'. São cursos destinados a pessoas que querem velejar, mas não tem o físico adequado, ou possuem alguma deficiência. É muito interessante! Sei que em Brasília já tem gente trabalhando com 'vela adaptada' e seria bem interessante estender essa iniciativa a outros centros de vela do Brasil

A EVBL me deu a oportunidade e a liberdade de aplicar meus conhecimentos e isso foi muito bom. Tenho boas recordações daquele tempo, lembro de alguns alunos, como a Débora Siegmann, o Roberto e a Roberta Paradeda, o Eduardo Jung e também dos instrutores que trabalhavam comigo, Chico Freitas, Roberto Lindstaedt, Frederico Espinosa e Denise Chagas.

Vivian **Leke**

ex-Diretora da EVBL

Era muito bacana, principalmente a confraternização depois das velejadas, quando todos faziam um lanche reforçado com a colaboração de algumas mães que traziam bolos gostosos".

Vivian comentou, ainda, que na Suécia os clubes são associações sem fins lucrativos, onde os pais assumem voluntariamente os trabalhos de organização e manutenção. No clube onde seu filho Kettil veleja, ela, que trabalha em Economia, é a responsável por toda a parte contábil. Somente os instrutores de vela são remunerados.

Aimée Virgínia B. **SOARES**

ex-Diretora da EVBL

Passados 45 anos daquela festiva e emocionante inauguração, em 13 de dezembro de 1975, a Escola de Vela Barra Limpa mantém-se firme no rumo traçado por seus idealizadores. Cresceu, desenvolveu-se, sua pequena flotilha de oito barcos daqueles primeiros anos multiplicou-se e hoje conta com quarenta e dois barcos das classes: (vinte e sete Optimist, cinco Laser, dois Day Sailer, dois Flash 165, dois Dingue e um Byte, um Snipe, um Magnum e um 420).

A programação segue intensa e mesmo tendo seu funcionamento prejudicado desde março de 2020 devido à pandemia da Covid19, recebeu um bom número de interessados de vela nos dois ou três meses em que pode abrir.

"O prédio lindo da escola é o corpo, mas as pessoas são a alma".

A atual Diretora, Sabrina Crespo, assessorada por Karin Goidanich, sócia do clube, trabalha com o objetivo de qualificar os equipamentos e as diversas atividades da escola, bem como de buscar sua auto sustentabilidade.

Os cursos continuam sendo oferecidos em barcos da classe Optimist para as crianças e pré-adolescentes e nas classes Laser, Dingue, Flash 165, Snipe, 420 e Day Sailer para os adultos. As aulas para as crianças, depois das primeiras noções teóricas, têm a parte prática com dois tripulantes em cada barco e também com velejadas em barcos maiores, como o Dingue e o Day Sailer, acompanhadas de um instrutor.

A Direção da EVBL conta com o apoio de um técnico esportivo - Rodrigo Aquino, da secretária Cláudia Rocha Grilho e dos instrutores Isabel Coelho, Gabriel Garbachi e Peter Nehm.

A EVBL continua sendo a melhor porta de entrada para novos sócios para o clube, pois são pessoas interessadas em praticar o esporte da vela. É importante para o Jangadeiros, é importante para o desenvolvimento da vela.

Vale repetir o que disse o ex-Comodoro e ex-Diretor da EVBL, Michael Weinschenck:

" A Escola de Vela Barra Limpa é parte do clube, mas tem objetivos bem diferentes. E não necessariamente é importante para muitos dos sócios. É uma instituição de ensino, com professores ensinando crianças a se formarem jovens e adultos, aprendendo o trabalho em equipe e estratégias, a conhecer seus direitos e lutar por eles, a se divertir junto à natureza em ambiente saudável e, também, a competir, perder e ganhar.

Minha experiência foi procurar integrar a gestão do clube com a gestão da escola e mostrar que o resultado social dessa instituição transcende o resultado econômico, mostrar a importância de valorizar os professores e funcionários que trabalham na EVBL.

O prédio lindo da escola é o corpo, mas as pessoas são a alma".

desfile dos campeões

A chegada triunfal dos campeões mundiais Alexandre Dias Paradeda e Eduardo Bernhard Paradeda com o troféu HUB ISAACS no caminhão de bombeiros. Dois ex-alunos da EVBL que venceram o Campeonato Mundial da Classe Snipe em dezembro de 2001, Punta del Leste.

agradecimentos

A Luiz Eduardo Paradeda, idealizador deste histórico, a Margaret Biasi, cuja colaboração possibilitou sua realização, e aos ex-diretores e amigos da EBVL, que enriqueceram a narrativa com seus depoimentos.

Coordenação Editorial
Aimee Virgínia Soares

Designer Gráfica
Beatriz Canozzi Conceição

2021

ESCOLA DE VELA

BARRA LIMPA

CLUBE DOS JANGADEIROS

45 ANOS